

Proposta de Centro Cultural em Terra Indígena:

Aldeia Massacará





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CAMPUS LARANJEIRAS**



LARISSA REIS GOIS

**PROPOSTA DE CENTRO CULTURAL EM TERRA INDÍGENA:
ALDEIA MASSACARÁ-BA**

**LARANJEIRAS-SE
2022**

LARISSA REIS GOIS

**PROPOSTA DE CENTRO CULTURAL EM TERRA INDÍGENA: ALDEIA
MASSACARÁ-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Me. Agripino da Silva Costa Neto

**LARANJEIRAS
2022**

LARISSA REIS GOIS

**PROPOSTA DE CENTRO CULTURAL EM TERRA INDÍGENA: ALDEIA
MASSACARÁ-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 21 de Novembro de 2022 à seguinte
banca examinadora:

Prof. Me. Agripino da Silva Costa Neto
Orientador | Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me Leonardo T. Kelsch Vieira
Examinador Interno | Universidade Federal de Sergipe

A handwritten signature in black ink, consisting of a stylized 'E' followed by a vertical line and a horizontal line, with a small flourish at the end.

Eduardo Rodrigues do Santos
Examinador Externo | Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe



Dedico este trabalho aos parentes Kaimbé, especialmente àqueles que vieram primeiro e lutaram pela entrada do índio na Universidade Pública.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nhanderu por me agraciarem com o dom da vida e sensibilidade em abundância.

À minha mãe, Eridan, minha primeira professora e mulher de inspiração; ao meu pai, Jardeone, que com brilho nos olhos enxerga em mim um grande potencial; aos meus irmãos, Laísa, Virgínia e Luiggy, origem da minha qualidade em ser responsável e que sempre me fizeram grande.

À Família Reis e à Família Gois por sempre acreditarem na minha capacidade e depositarem confiança em meus processos.

À multidão de amigos (Baianos, Sergipanos e Laranjeirenses) que me deram suporte e inspiração, Ítalo, Wesley, Laicon, Raissinha, Beatriz, Karol, Raissa, Fernanda, Laura e Fernandinho, vocês fizeram tudo parecer mais fácil.

Aos excelentes professores de Arquitetura e Urbanismo do Campus Lar da UFS, em especial ao professor Pedro Murilo que sempre solícito me ajudou a mergulhar nas raízes patrimoniais e ao meu orientador Agripino que me auxiliou nessa etapa decisiva da minha formação.

Por fim e mais importante, deixo minha eterna gratidão ao meu admirador incansável, que nunca cansou de ver qualidades em mim e que no final da minha formação estava lá como meu esposo. Kaio, você e a Arquitetura foram as minhas escolhas para viver a vida.





"A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte."
Comida - Titãs

INTRODUÇÃO	4
I. VALORES CULTURAIS E PATRIMONIAIS	6
1.1. Aspectos históricos	6
1.2. Aspectos culturais	9
1.3. O potencial do equipamento público comunitário	17
1.4. O programa do Centro Cultural para a preservação da cultura e do patrimônio Kaimbé	19
2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS	22
2.1. Exemplos de Centros Culturais	22
2.2. Casa de Cultura Cerro Corá	24
2.3. School Primary in Gando - Diébédó Francis Kéré	26
2.4. Quadro síntese	29
3. ANÁLISES DA ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO	29
3.1. Contexto do território Kaimbé	29
3.2. Aspectos ambientais e paisagísticos	30
3.3. Caracterização da Arquitetura local	33
4. ESTUDOS INICIAIS DA ÁREA DE INTERVENÇÃO	41
4.1. Questionário	42
4.2 Estudos sobre a área de intervenção	46
4.2. Programa de necessidades	50
4.3. Estudos da forma e de Implantação	51
5. ANTEPROJETO: CENTRO DE CULTURA KAIMBÉ	54
5.1. Resultados da proposta do Centro Cultural	54
5.2. Elevações	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta arquitetônica - em nível de anteprojeto - de centro cultural que seja local de reunião e união de pessoas que se identificam em cultura e, sobretudo, oferece a concepção de um espaço para que seja preservado o patrimônio indígena da cultura e do cotidiano Kaimbé. A proposta de uma casa para a cultura corrobora a intenção e a relevância de se propor um espaço de guardião de identidade étnica, reforçado pela função arquitetônica, quase esquecido sob o ponto de vista político, público e urbano. Acreditando no potencial dos equipamentos públicos comunitários, satisfatoriamente, desenvolver esta proposta arquitetônica se faz real utilizando a arquitetura e o planejamento urbano como instrumento de incentivo à cultura local, à oferta de espaços públicos de lazer de qualidade para a aldeia Massacará.

Palavras-chave: Arquitetura; Centro Comunitário, Indígena.

SUMMARY

This work presents an architectural proposal - at the level of a preliminary project - of a cultural center that is a place for meeting and uniting people who identify with culture and, above all, offers the conception of a space for the preservation of the indigenous heritage of culture and everyday Kaimbe. The proposal of a house for culture corroborates the intention and relevance of proposing a space for the guardian of ethnic identity, reinforced by the architectural function, almost forgotten from a political, public and urban point of view. Believing in the potential of community public equipment, satisfactorily developing this architectural proposal, it becomes real to use architecture and urban planning as an instrument to encourage local culture, to offer quality public spaces for leisure in the Massacará village.

Keywords: Architecture; Community Center, Indigenous.

INTRODUÇÃO

O apreço e a valorização pela cultura universal ainda caminham a passos lentos no perfil brasileiro. Isso acontece porque o fator cultural nem sempre esteve no pódio dos incentivos políticos e financeiros do país. Depois do ambiente familiar, é na escola que acontecem os primeiros contatos com a cultura e, mesmo assim, a cultura possui em seu histórico a oscilação de ganhar e perder destaque na trajetória do ensino escolar brasileiro. Reconhecidas como fortes aliadas do processo educacional exitoso, cultura e educação, juntas, oferecem valor social e identitário à população escolar e à comunidade local.

Fora da escola, os centros culturais, por exemplo, são espaços propriamente destinados à cultura e suas variadas manifestações. Essa intenção de concentrar manifestações culturais em um espaço comum, delimita a função social que a arquitetura entrega. No entanto, a prática dos encontros democráticos pela cultura tiveram maior força política no passado; atualmente, nem toda cidade ou município possui este equipamento urbano enquanto infraestrutura e essa prática enquanto histórico social.

Com base na ideia anterior, o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um lugar, com tendência urbana de origens indígenas, que possui tradições que merecem ser valorizadas e o levanta discussão sobre transformações dos territórios indígenas tradicionais em pautas urbanas e arquitetônicas regionais. A escolha do tema se deu por interesses pessoais, através da vivência do lugar e dos espaços, consumo das atividades culturais e, sobretudo, pela percepção da herança cultural e patrimonial, que merece ser prestigiada através da proposta aqui abordada.

A pesquisa apresentará um novo olhar sobre o Povoado Massacará, diferente das questões sociais e antropológicas já estudados até o momento, no qual serão analisados os aspectos técnicos da arquitetura e do urbanismo. Os resultados trarão novas possibilidades de discussão sobre a realidade do território e as necessidades da comunidade enquanto espaço tradicional urbanizado e em transformação .

Nota-se que apesar de ser um vilarejo com uma urbanização iniciada, sobretudo, por ter potencial turístico, em Massacará não há um local específico e estratégico para receber as pessoas que a visitam. A possível presença de uma casa de cultura, para estas e outras funções que possam servir à comunidade, marcaria uma nova localização de encontro, onde as pessoas estariam em unidade para dar segmentos as novas ações da cultura Kaimbé.

A importância da cultura para as relações sociais pode ganhar força ao aliar-se com a arquitetura e suas técnicas. Com conceito cultural, a arquitetura pode ser o ponto de partida para a instalação de equipamentos comunitários. Dessa forma, a implementação de um espaço em que a comunidade possa expressar sua identidade e expor sua arte é uma forma de suporte à cultura local e, conseqüentemente, de agregar novos símbolos arquitetônicos aos patrimônios que se constroem.

Logo, a ideia de propor um centro cultural, que agregue-se ao patrimônio local e incentive a Kaimbé, é o principal objetivo deste trabalho. A posteriori, os objetivos específicos concentram-se em apresentar a relevância do equipamento comunitário para realização das festividades; analisar a implantação do espaço sob a perspectiva patrimonial; identificar as necessidades espaciais da comunidade para realização dos eventos culturais, caracterizar e propor o planejamento de um espaço para a comunidade realizar suas atividades culturais.

Em visitas rotineiras a Massacará, terra indígena e povoado de Euclides da Cunha, na Bahia, percebeu-se que durante a preparação para eventos tradicionais havia sempre uma improvisação da infraestrutura para receber as etnias convidadas para os festejos tradicionais. Pensando nisso e associando à realidade deste estudo, algumas questões são levantadas. A base cultural de comunidades tradicionais são inseridas em pautas de melhorias e infraestrutura por parte da gestão política? Se tanto se fala sobre a tradição Kaimbé, o que tem sido feito para manter viva essa herança cultural? Como agregar valor ao patrimônio existente? Isto posto, se a cultura Kaimbé já existe, independente de possuir uma casa cultural ou não, se é possível fortalecer a cultura local com a proposta de um Centro Cultural e atrair mais interação da comunidade e dos visitantes, por que não fazê-lo?

O desenvolvimento do estudo acontecerá em três etapas. Na primeira etapa, intitulada “Valores Culturais e Patrimoniais”, acontecerão as seguintes atividades acerca da temática: revisão bibliográfica; estudo de referências projetuais semelhantes; análises espaciais do lugar. Na segunda etapa, serão desenvolvidos os estudos iniciais de projeto para a proposta arquitetônica: terreno e condicionantes climáticas; conceito; programa de necessidades; áreas e setorização e sistemas construtivos. Na terceira, e última etapa, tem-se a elaboração do Anteprojeto da proposta arquitetônica: centro de cultura kaimbé: plantas de situação; plantas baixas; plantas de cobertura; cortes gerais; fachadas; perspectivas e volumetria.

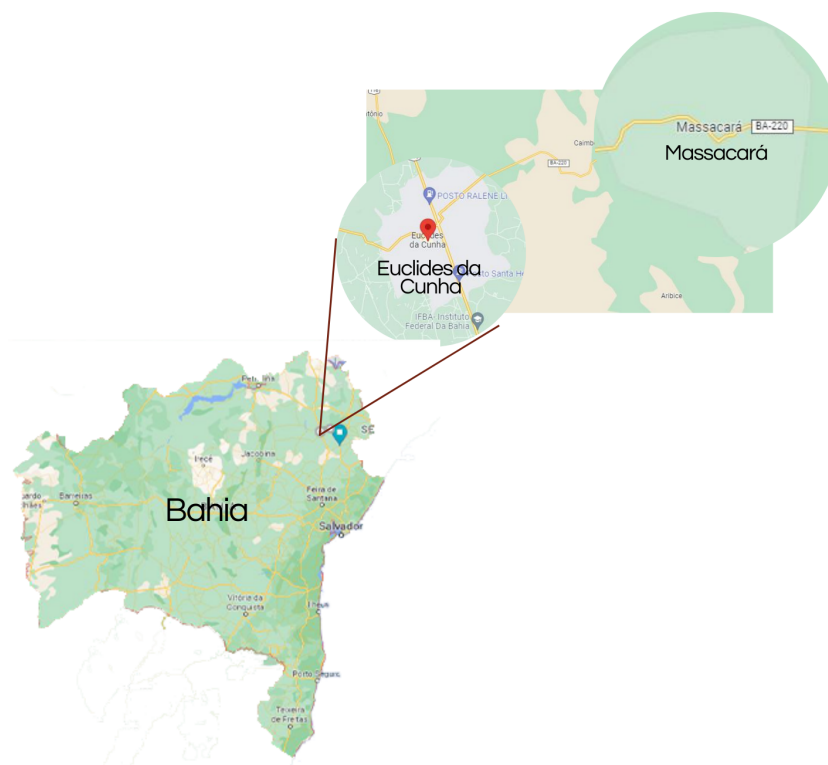
I. VALORES CULTURAIS E PATRIMONIAIS

Para unir as discussões relacionadas ao longo deste estudo neste capítulo será apresentada a sociedade e parte da cultura Kaimbé, assim como serão abordados os conceitos de cultura, equipamento público comunitário e centro cultural.

I.1. Aspectos históricos

Localizado no Nordeste da Bahia, no município de Euclides da Cunha, o povoado e terra indígena Massacarã abrigava, numa área de 8.020 hectares de terra, cerca de 1.150 indígenas da etnia Kaimbé, segundo Ivanilton Narciso Pereira Kaimbé - vice-cacique no ano de 2018 - em entrevista a Sônia R. Caldas, Alfons Altmicks e Anayme A. Canton (2019), respectivamente Letróloga, Pedagogo e Professora. Em sua obra, *Povoamento e ocupação do sertão de dentro baiano (2000)*, Raquel Dantas, doutora em História Social, afirma que: “A primeira aldeia fundada na vasta bacia do Itapicuru foi a de Massacarã, em 1639, reunindo os índios cariris” (DANTAS, 2000, p.12).

Figura I – Massacarã: localização e território



Fonte: adaptação do Google Maps, 2022

Em exposição sobre indígenas da Bahia, a Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), afirma que a Missão da Santíssima Trindade de Massacar, que concentrou os Kaimbé no interior da Bahia, ofereceu proteção ao grupo de indígena contra as bandeiras expansionistas da Casa da Torre (ANAI, 1997).

Existem relatos de que a Casa da Torre, como ficou conhecida a residência de Garcia d'vila, fruto do domínio territorial (MOTT, 2010), perseguiu os Kaimbé e a própria missão jesuítica, chegando a demolir residências e a antiga Igreja da Santíssima Trindade de Massacar, em 1669. Após documentar, os jesuítas encaminharam o relato da destruição ao Tribunal da Relação da Bahia, a igreja foi reconstruda¹ por sucessores da família Garcia D'vila e em 1689 administrada por padres franciscanos (REESINK; OLIVEIRA, 1993 apud CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019).

Mesmo com território estabelecido, essa primeira fase de “assentamento” das pessoas na aldeia durou somente até o século XIX, pois de acordo com o Sociólogo, Jorge Bruno S. Souza, em 1888 o aldeamento Massacar foi extinto pela província da Bahia, “sob o argumento que ali não existia mais um número suficiente dendios que justificasse a Aldeia” (Souza, 1996, p. 62). Em 1945, a etnia e o aldeamento – Kaimbé e Aldeia Massacar - são oficialmente reconhecidos pelo Serviço de Proteção aondio (SPI), no entanto, sem nenhum tipo de benefício. (CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019)

Com a força do fenmeno da Emergnciatnica, em 1982 - 94 anos após a extinção do aldeamento - a FUNAI responsabiliza-se por estudar a possibilidade de demarcação da terra indígena aos Kaimbé. Segundo os autores:

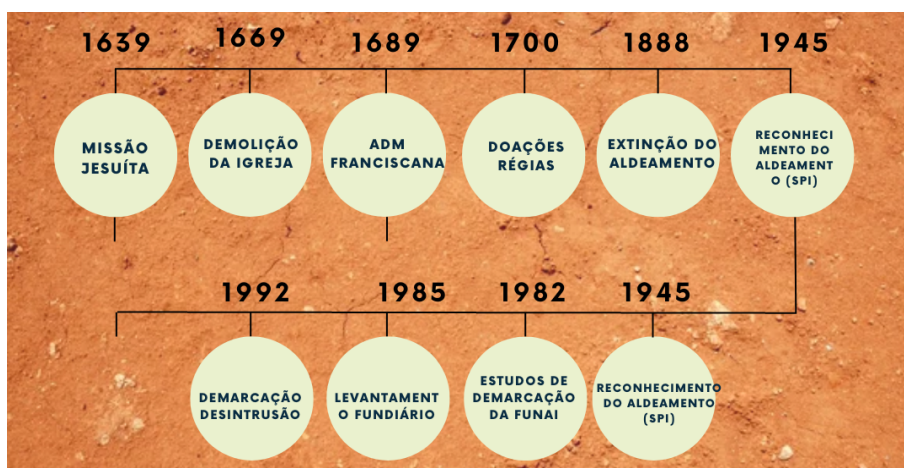
O processo de demarcação foi caracterizado por muitos conflitos, sobretudo, porque houve confusão no entendimento dos técnicos sobre as metragens originais, estabelecidas pelos documentos da Cora Portuguesa. (CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019, p. 5)

Ainda completam que: “em 1985, aconteceu o levantamento fundiário, que resultou na supressão de, aproximadamente, 4.000 hectares de terras indígenas, o que aumentou, consideravelmente, as tensões entre os Kaimbé e os não-indígenas da região” (CALDAS; ALTMICKS;

¹ Além de confissão em ato público da parte da Casa da Torre admitindo ter procedido incorretamente. (REGO, 2016)

CANTON, 2019, p. 5). Por fim, como instrumento jurídico para efetivação de demarcação de T.² e afim de conciliar as tensões, em 1999 a FUNAI exerce a medida de desintrusão³ dos não-indígenas do Massacará (REESINK, 1984; CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019, p. 5).

Figura 2 - Linha de acontecimentos



Fonte: a autora, 2022.

Em dados mais recentes, divulgados pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a população Kaimbé aparece entre as 13 etnias indígenas no Estado da Bahia (figura 3) que localizam-se nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul do Estado. Segundo a Secretaria do Desenvolvimento e Integração Regional da Bahia, órgãos federais relataram que as populações indígenas no Estado da Bahia ocupam 21 áreas (figura 4) e vivem em 113 aldeias (SEDIR, 2008).

Figura 3- Populações indígenas no estado da Bahia. Figura 4- Terras Indígenas no Estado da Bahia

² TI: abreviação de Terra indígena.

³ Retirada de possíveis ocupantes não indígenas da terra indígena em processo de demarcação.

Nome da Terra	Etnias Indígenas	Área (ha)	Município
1. Águas Belas	Pataxó	1.189	Prado
2. Aldeia Pequii	Pataxó	s/info	Prado
3. Aldeia Velha	Pataxó	8.627	Porto Seguro
4. Barra	Atikum e Kiriri	62	Muquém do São Francisco
5. Barra Velha	Pataxó	8.627	Porto Seguro
6. Brejo do Burgo	Pankararé	17.924	Glória, Paulo Afonso e Rodelas
7. Caramuru/Paraguaçu	Pataxó Hã-Hã-Hãe	36.000	Itabuna, Itaju do Colônia e Pau Brasil
8. Coroa Vermelha	Pataxó	1.494	Santa Cruz de Cabralia
9. Corumbauzinho	Pataxó	s/info	Prado
10. Fazenda Bahiana	Pataxó Hã-Hã-Hãe	305	Camamu
11. Ibotirama	Tuxá	2.020	Ibotirama
12. Imbiriba	Pataxó	375	Porto Seguro
13. Kantaruré	Kantaruré	1.811	Glória
14. Kiriri	Kiriri	12.300	Banzaê e Ribeira do Pombal
15. Massacará	Kaimbé	8.020	Euclides da Cunha
16. Mata Medonha	Pataxó	550	Santa Cruz de Cabralia
17. Pankararé	Pankararé	29.597	Paulo Afonso e Rodelas
18. Quixaba	Xukuru-Kariri	30	Glória
19. Tuxá	Tuxá	7.150	Rodelas
20. Vargem Alegre	Pankararu	981	Serra do Ramalho

Etnias	População
Atikum	435
Kaimbé	821
Kantaruré	315
Kiriri	2.020
Pankararé	1.291
Pankaru	85
Pataxó	10.062
Pataxó Hã-Hã-Hãe	2107
Truka	162
Tumbalala	1.095
Tupinambá	3.937
Tuxá	1.517
Xukuru-Kariri	63

Fonte: Secretaria do Desenvolvimento e Integração Regional da Bahia, 2008 adaptado.

1.2. Aspectos culturais

Segundo o Doutor em Psicologia, José Cláudio Zeferino (2019), “a palavra cultura derivada do latim, “colere”, significa literalmente “cultivar, plantar”. Partindo desse princípio, percebemos que se trata de uma herança que o povo vai acumulando ao longo dos anos, e deve ser preservada.”. Partindo desse princípio, algumas manifestações da cultura Kaimbé ainda são preservadas. Em dias específicos da semana e em datas específicas, por exemplo, acontecem as rodas de Toré (figura 5), momentos em que o grupo se reúne e entoam cantos em forma de agradecimentos, reverência, festividade ou descontentamento.

Figura 5 - Toré em volta do Pau Ferro da Ilha (Árvore sagrada para o povo Kaimbé)



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Em entrevista à Rádio e WEBTV da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Davir Narcizo Pereira, jovem professor de Identidade e Cultura da rede estadual, em Massacará, fala sobre o Toré Kaimbé:

Uma dança indígena onde nós, Kaimbé, temos essa dança trazida por professores Tuxá, Pankararu e de outras etnias. O nosso povo, antes, tinha danças culturais e tradicionais, a história mostra que tinha, mas, com a chegada do não-índio, os posseiros, nos impediram de continuar nossa cultura, nossas danças, nossa linguagem. E hoje, com a ajuda de outros parentes a gente conseguiu e nós temos o toré, que é uma dança tradicional nossa. Essa dança é muito importante para nós, no momento da festa a gente faz o toré, 19 de abril, 7 de dezembro onde a gente comemora a nossa retomada. Em vários momentos importante para nós, a gente faz o nosso toré: em momento também de tristeza, em momento de luta quando a gente vai manifestar atrás de algum direito nosso, a gente faz o toré, mostrar nossa identidade através da dança. O nosso Toré é mais participado por jovens e crianças, os adultos que participam são muitos poucos, pelo costume, eles são da geração que os pais não participavam, já não tinha. Como o toré chegou a pouco tempo, então é participado mais por jovens, crianças e mulheres. Tem certas regras, pra gente dançar nosso toré, por exemplo: nós somos kaimbé, nós não podemos chegar em um toré de um parente Kiriri, dos Tuxá, ou dos pataxó ou qualquer outro povo e participar sem ser convidado, a gente pode assistir. Igualmente eles com o nosso. No nosso Toré, se tiver algum parente que queira participar, a gente vai chamar, vai abrir, tem uns cantos que a gente vai cantar, chamando para eles pra participar. Então tem essa regras: não pode participar pessoas que não forem indígenas, só se for chamado a participar, se não, não pode, só assistir mesmo. Homens, tem que ter certos cuidados, mulheres também. Épocas de mulheres, épocas de homens. Então tem umas regras que são muito fechadas até para nós mesmo. (RTV Caatinga Univasf, *Youtube*, 2018).

Outra manifestação muito forte na cultura de Massacará é Zabumba (figura 6 e 7), uma banda tradicional popular que une o som das flautas com o som das bandas cabaçais, compostas por bombo, caixa e tambor. O grupo dos Zabumbeiros é formado, predominantemente, por homens e meninos, onde é notável a contribuição e o interesse da tradição desde a infância. A zabumba, como ficou tradicionalmente conhecida na música nordestina, também foi um instrumento usado em conjuntos musicais como forma de catequizar os índios. (BRAUNWIESER, 1946 apud LUMI; RESENDE, 2021).

Figura 6 - Zabumbeiros Kaimbé em direção à Capela de São Vicente.



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

Figura 7 - Zabumbeiros Kaimbé na ladeira da Igreja Matriz da Santíssima Trindade



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

Figura 8 - Zabumbeiros Kaimbé em cerimônia particular, aniversário de Dona Lourdes, anciã Kaimbé.



Fonte: acervo pessoal, 2022.

A música da Zabumba Kaimbé acompanha alguns rituais de tradição, como o Ritual da Bandeira, o Rito do Pé-de-sino (figura 9), a Procissão para a Igreja da Santíssima Trindade e, eventualmente, cerimônias particulares solicitadas pelos próprios moradores, por apreço ao som e estilo musical de herança (figura 8).

“Este pequeno rito do Pé-de-sino consiste no dobrar dos sinos postados em frente à igreja, em um ritmo bastante rápido, acompanhado da música das zabumbas ali presentes.” (SOUZA, 1996, p. 121).

Figura 9 - Zabumbeiros Kaimbé tocando o Pé de Sino, na Igreja Matriz da Santíssima Trindade



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

O grafismo indígena também é uma prática cultural muito ativa entre os Kaimbé. A pintura vem sendo resgatada pelos mais jovens - uma vez que durante os períodos de intrusões posseiras e religiosas algumas práticas foram involuntariamente afastadas - e estão cada vez mais inseridas no cotidiano da aldeia. Feito com tinta de jenipapo⁴, cada grafismo Kaimbé possui significado, a pintura que representa este povo é pintura da Pindoba, árvore que representa um marco de resistência para a.i⁵, em razão de seus benefícios como o artesanato e a alimentação: “Tudo da Pindoba a gente aproveita: a palha, o tronco, a fibra, o fruto. Então a gente representa agradecendo à natureza tudo que ela nos fornece. (Adilson Anagê Kaimbé, indígena e professor da rede estadual em Massacará.)”. (ANDRADE, 2021)

As pinturas têm significado muito importante para os povos tradicionais, este costume revela a forte relação de determinado povo com o sagrado da natureza. A virtude do grafismo está interligada aos aspectos ancestrais, cosmológicos, sociais, biológicos e estéticos, pois, assim como a língua nativa de um povo, a pintura corporal tem um papel fundamental para a construção e manutenção da identidade cultural dos indígenas (NASCIMENTO, 2019).

Figura 10, 11, 12 e 13 - Grafismo indígena

⁴ Tinta feita a partir da extração do sumo do jenipapo verde, por vezes misturada com carvão.

⁵ Aldeia indígena



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2020-2021.

Dentre os festejos da Feira Cultural, data bastante esperado e comemorativo pela população e turistas amantes do evento, também acontecem os jogos indígenas (figura 14, 15 e 16), e apresentações teatrais, musicais, geralmente preparadas pela única escola da aldeia, a Escola Estadual Dom Jackson Berenguer Prado (figura 17) e a venda de artesanato (figura 18) e comidas típicas nordestinas .

Figura 14, 15 e 16 - Jogos indígenas, na Feira Cultural Kaimbé.



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

Figura 17 - Apresentação organizada por professores e aluno da Escola Estadual Dom Jackson Berenguer Prado



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

Figura 18 - Artesanto Kaimbé



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

1.3. O potencial do equipamento público comunitário

Sendo algo indissociável ao indivíduo inserido em sociedade, uma vez que não se faz cultura isoladamente (ZEFERINO, 2019), a cultura dos povos tradicionais torna-se instrumento de direito político e de proteção legal, estabelecido pelo Art. 215 da Constituição Brasileira: “§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.” (BRASIL, 1988).

A cultura sempre foi um potencial formador junto com a educação, sua influência possui envolvimento direto na formação cidadã. Com o item anterior foi possível perceber como professores estão inseridos em ações tradicionais ao mesmo tempo que participam da formação dos mais jovens despertando-os para a responsabilidade sociocultural para com o lugar de tradições em que estão inseridos. Dessa forma, entende-se como as atividades e manifestações culturais são força vital para comunidades e organizações populares, dado que, cada item da cultura está associado diretamente com os acontecimentos da história.

Existem espaços públicos que são projetados para destinar serviços de educação, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres à sociedade geral. Estas funções definem os espaços públicos comunitários que, pouco se sabe, mas também, é uma garantia disposta em legislação: “Art. 2º § 2º Consideram-se equipamentos públicos comunitários as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados aos serviços públicos de educação, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres.” (BRASIL, 2010).

Assim, vale ressaltar como, através dos Centros Culturais, a Arquitetura pode contribuir para o desenvolvimento da cultura, considerando a capacidade científica e social de receber, respectivamente, funções e pessoas.

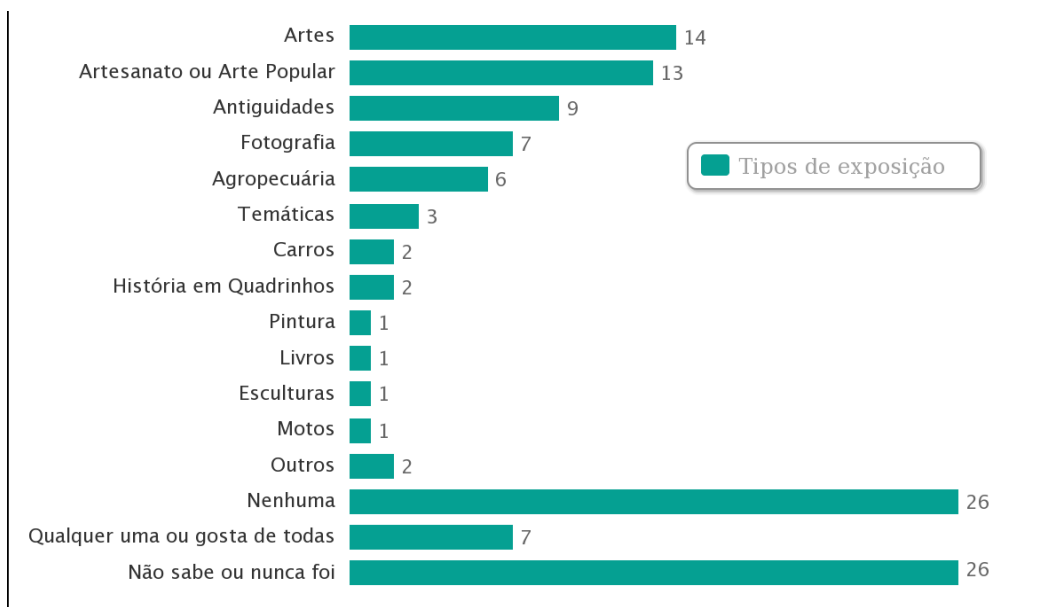
Não é à toa que a arquitetura torna-se exuberante quando projeta obras ligadas à esfera cultural. O caráter monumental diz que a própria beleza é um discurso ligado à Cultura como posse. Um Centro Cultural feio seria uma contradição. Tudo isso leva a apontar para a supremacia do caráter formal dos prédios que proliferam com essa denominação sobre a sua própria razão de existir. (Luís Milanese, 2003 apud NEVES, 2013)

E como exemplo de equipamento para a sociedade:

[...] os centros de cultura são espaços que aglutinam atividades de criação, reflexão, fruição, distribuição de bens culturais. Constituem um núcleo articulador e gerador de ações culturais de criação. Devem dispor de infra-estrutura que permita o trabalho cultural e devem propiciar o encontro criativo entre as pessoas. Se a atividade cultural deve instigar e provocar, a sua casa, o centro de cultura, não pode ser um espaço exclusivamente de lazer; ao contrário, ele deve atrair as pessoas para o novo e a reflexão, deve negar o conformismo e a familiaridade com o conhecido (RAMOS, 2007, p,94).

Com base nas três tipologias que a cultura está relacionada, entende-se que a cultura popular é aquela criada pelo povo; a cultura erudita designa os estudos e artes ditas de requinte; a cultura de massa, por sua vez, trata-se das produções criadas com intuito capitalista gerido o pela indústria cultural. Diante disso, a pesquisa “Públicos de Cultura” do Serviço Social do Comércio (Sesc), em 2013, investigou os hábitos e práticas culturais do público nacional em 25 estados brasileiros, apresentando dados sobre escolhas, comportamento e acessos culturais da população.

Figura 19 - Tipos de exposição que mais gosta de visitar



Fonte: Rede Filantropia adaptado de
<http://portaldev.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/gostoscultrais/>.

A pesquisa exhibe os tipos de cultura escolhidos pelos entrevistados e, no quesito de gosto por exposições, a maioria revelou gosto por aquelas de cunho artísticos, artesanais e populares. É possível identificar como o acesso à cultura pode ser canalizado através do incentivo à cultura, independente de sua tipologia. Graças às redes de telecomunicação a cultura erudita ainda é

a mais consumida, no entanto, percebe-se que ainda há prazer na visita a lugares que oferecem exposições artísticas.

I.4. O programa do Centro Cultural para a preservação da cultura e do patrimônio Kaimbé

A história remonta que a origem destes espaços culturais estão ligados à Antiguidade Clássica, onde a Biblioteca de Alexandria se encontrava em um complexo cultural. Além ser um local de estudos e de culto, funcionava o “armazenamento de estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos; ela possuía também um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico, o que a caracterizaria como o mais nítido e antigo Centro de Cultura.” (RAMOS, 2007 apud NEVES, 2013, p. 4).

A instalação de um centro cultural, como equipamento público, deverá ter, antes de tudo, as diretrizes do programa definidas em consonância com as necessidades da população: “o meio onde ele será construído e o perfil de público que ele atenderá, cujas atividades culturais não devem ser realizadas para as pessoas, mas com elas.” (NEVES, 2013, p. 5).

Ainda que o fazer cultura e o patrimônio indígena sejam independentes do lugar de fixação e se façam por diversas fontes e simbolismos, não é intenção da proposta limitar o cotidiano comunitário a um ponto pré-estabelecido. A intenção é incentivar a produção tradicional, disponibilizar a ideia do equipamento e apresentar programas sociais de direito que facilitem a forma de organização do grupo e contribuam para o desenvolvimento social e político das pessoas e do lugar.

Visto que cultura não se faz isoladamente, os espaços abrem caminho para que pessoas se conheçam, interajam e socializem. Esta ação coletiva produz reconhecimento do grupo e a troca de informações entre si. A presença de um centro com infraestrutura em completo funcionamento será um espaço de conexão e realização individual e/ou coletiva, pois, ações cotidianas possuem o poder de unir pessoas, como por exemplo: assistir, cantar, cozinhar, ler, ensinar, apresentar, conversar e debater com/para alguém. Assim, essas relações dão luz ao programa de necessidades de um centro voltado para funções verdadeiramente comunitárias.

Para Alencar e Silva (2021), auditórios, pátios, teatros, arenas, bibliotecas, salas de vídeo e informática são ambientes para fazer parte do centros culturais, a fim de promover a transmissão de informações. A promoção de debates, reflexão e interação podem ocorrer em espaços como lanchonetes e pátios. Já para criação, como principal objetivo dos centros, o “desenvolvimento de atividades criativas pode ocorrer em espaços como oficinas de arte, ateliers, salas de múltiplo uso e ambientes onde possam ser realizados trabalhos mais técnicos.” (ALENCAR E SILVA, 2021, p. 25). Assim, o espaço comunitário pode ser um equipamento que integra, forma, informa, funciona e une, por vias comuns da identidade cultural, uma comunidade e seus pares.

Nas palavras de Neves (2013) é possível apresentar as funções que o centro cultural proposto por este trabalho deve viabilizar:

[...] a **criação**, visando à estimulação, a produção de bens culturais, por meio de oficinas, cursos e laboratórios, a **formação** artística e a **educação estética**; a **circulação** de bens culturais, pois assim evita-se que os eventos transformem a casa de cultura em espaço de puro lazer, atuando na formação do público; e a preservação do campo do trabalho cultural, resguardando o bem cultural e a manutenção da memória daquela coletividade. (NEVES, 2013, p.5, grifo nosso)

Dessa forma, a comunidade irá perceber naquele local, a oportunidade de preservar a cultura e desenvolver atividades culturais, educativas, de articulação ou qualquer outra atividade que venha a fazer parte do seu modo de ocupar. A função do edifício não será imposta pelo criador, mas, com a participação dos usuários.

A criação imediatamente destinada para reviver um passado ocultado pelo tempo é chamada monumento. Já a criação que não foi criada com este objetivo, mas, que detém memória viva e resiste ao tempo é considerada ‘monumento histórico’. Ambos conceitos abriram espaço para que o termo Patrimônio fosse inserido ao contexto. (CHOAY, 2006)

Como os monumentos são símbolos patrimoniais, eles manifestam a experiência de afetividade do criador com determinado feito, entende-se que este sentimentalismo causa um efeito de concepção, de dar vida a algo. Gammont (2006 apud REIS, 2016) exemplifica esta relação com as propriedades transmitidas hereditariamente, ou seja, os bens passados de pais para filhos. E, além do patrimônio em si, “herda-se também a responsabilidade de preservá-lo.” (REIS, 2016, p. 15)

Para melhor entendimento, Lemos (1987 apud REIS, 2016) sugere que apresentemos o patrimônio a partir de três categorias como o identificamos:

Primeiramente arrola os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente. [...] O segundo grupo de elementos refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao fazer. São os chamados elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural. O terceiro grupo de elementos é o mais importante de todos porque reúne os chamados bens culturais que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer. [...]. (LEMOS, 1987, p. 8-10 apud REIS, 2016, p. 16)

Grammont (2006), por sua vez, contribui ao discorrer sobre o Patrimônio Cultural e sua divisão em dois grupos

[...] dividido entre material e imaterial, engloba o conceito antropológico de cultura enquanto todo fazer humano, desde objetos, conhecimentos, capacidades e valores [...]. O contexto em que se estabeleceu o conceito de Patrimônio Cultural e seu tratamento permanecem em constante mutação conquanto são construção culturais. (GRAMMONT, 2006, p. 440, apud REIS, 2016, p. 16)

Estes conceitos que constituem a cultura de um povo são entendidos como:

O Patrimônio cultural material está associado aos elementos materiais e, portanto, é formado por elementos palpáveis e concretos, por exemplo, obras de arte e igrejas etc..

Já o Patrimônio cultural imaterial está relacionado aos elementos espirituais ou abstratos, por exemplo, os saberes e os modos de fazer. Ambas possuem aspectos simbólicos, posto que carregam a herança cultural de determinado povo, ao mesmo tempo que promovem sua identidade. (UNESCO, 2020)

Analisando o exposto, este estudo dedica-se a propor um edifício que seja local de reunião das pessoas que se identificam em cultura e, sobretudo, oferece a concepção de um espaço para que seja preservado o patrimônio indígena da cultura e do cotidiano Kaimbé.

Em arquitetura o viés patrimonial é tocado por meio do Patrimônio Cultural edificado e somente a relação do tempo e da memória constituem a essência antropológica do monumento (CHOAY, 2006). Um caso recente que pode exemplificar essa associação é o caso da restauração da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Paraty (RJ). A Associação de Moradores de Paraty Mirim (AMPM) levantou doações e, com o suporte técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conseguiu realizar as intervenções necessárias, demonstrando “como a comunidade pode se apropriar do Patrimônio Cultural, atuar para valorizá-lo e reconhecer neste acervo o seu papel como guardiões do legado histórico e artístico brasileiro.” (IPHAN, 2022)

Ainda neste sentido, em 2018 acontece a intervenção e os reparos da Igreja da Santíssima Trindade, realizada de modo aparentemente arbitrário. Para além de uma intervenção cosmética, ou seja, que pouco deu importância aos valores históricos, foram substituídos materiais considerados autênticos. A falta de critérios técnicos e a ausência de políticas de preservação da cultura material coerentes é cotidiano que inscreve o patrimônio dos Kaimbés, ainda que tão amplamente estudados em âmbito sociológico, em forte situação de risco.

2. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Este capítulo apresentará referências arquitetônicas que contribuirão para o entendimento e elaboração da proposta ao final do estudo. Serão apresentados obras que possuem a temática cultural com objetivo de uso comunitário. As referências possuem em comum o uso e a função das edificações, bem como, levam a refletir sobre a importância da técnica utilizada em cada obra e sobre as decisões arquitetônicas implantadas.

2.1. Exemplos de Centros Culturais

Considerando o centro cultural como um exemplo de equipamento público, abaixo são apresentados alguns centros de comunidades indígenas, a começar pelo Vãre, Centro Cultural Kaingang:

Figura 20 - Vãre - Centro Cultural Kaingang



Fonte:

<https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=114451>.

local que está direcionado à venda e divulgação da cultura material kaingáng, constitui em um importante espaço urbano para os indígenas. [...] O Vãre conta com dois espaços distintos: um constituído para abrigo temporário, formado por oito casas, com infraestrutura adequada e capacidade para atender as famílias kaingáng, e o outro destinado à visita pública aberto principalmente às escolas municipais e estaduais, com mostra permanente de exposições fotográficas, acervos de livros e textos apresentando aspectos ligados ao cotidiano, tradição e cultura dos kaingáng. O Vãre é um importante espaço de divulgação sobre a cultura indígena

tanto para a cidade de Londrina como para o Sul do país. (LONDRINA, 2021)

Centro Cultural do Povo Zoró, no Mato Grosso:

Figura 21 - Centro Cultural do Povo Zoró



Fonte:

<https://www.kaninde.org.br/inauguracao-do-novo-centro-cultural-do-povo-zoro-no-mato-grosso/>.

onde funciona “um “Museu da Memória” e uma “Maloca Digital”. Esse Centro tem a finalidade de proporcionar uma infraestrutura de uso coletivo para fortalecimento da cultura indígena das comunidades. Na TI Zoró, pretende-se recuperar 10 hectares de área degradada a partir da instalação de quintais agroflorestais, reformar o Centro de Promoção Cultural e Proteção Territorial da TI e desenvolver uma marca para os produtos Zoró. (AMAZONIA, 2016)

Centro Cultural da Aldeia Paiter Wagôh Pakob, localizada na Terra Indígena Sete de Setembro em Cacoal (RO):

Figura 22 - Centro Cultural da Aldeia Paiter Wagôh Pakob



Fonte:

<https://centro-cultural-indigena-paiter-wagoh-pakob.negocio.site/>.

O espaço, segundo os idealizadores, servirá para a retomada das práticas, valores e dos conhecimentos tradicionais do Paiter, que se perderam no tempo, devido ao contato com a sociedade não indígena [...]. O centro foi criado com o objetivo de se tornar um espaço de trocas de idéias e experiências entre os próprios indígenas. (ISA, 2016)

Como modelo de equipamento de organização voluntária internacional, o Centro cultural na aldeia indígena Ta'rau Paru, em Pacaraima, fronteira com a Venezuela, é Projeto do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com o Conselho Indígena de Roraima (CIR), Departamento de Proteção Civil e Ajuda Humanitária da União Europeia, (Echo) e da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid):

Figura 23 - Centro cultural da aldeia indígena Ta'rau Paru, Pancaraima



Fonte:

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/comunidade-indigena-de-tarau-paru-ganha-centro-cultural-em-projeto-do-unicef-e-cir-em-roraima>.

um Centro Cultural para realização de atividades comunitárias. O novo espaço atenderá principalmente crianças, adolescentes e jovens da comunidade de cerca de 900 pessoas da etnia Taurepang-Pemón – dessas, cerca de 600 são indígenas venezuelanos [...]. Construído em alvenaria no formato de uma maloca, com 16 metros de diâmetro. Está equipado com 50 cadeiras com apoio de braço, impressora, projetor, computador e outros equipamentos para a realização das atividades. [...]

O direcionamento dos centros culturais apresentados têm em comum o objetivo primário de fortalecer a cultura das comunidades étnicas, promovendo as práticas tradicionais. É comum, também, que alguns costumes possam trazer rendimentos às comunidades, uma vez que podem ser comercializados os produtos agrícolas e artesanais, passeios turísticos, projetos e eventos sociais.

2.2. Casa de Cultura Cerro Corá

A Casa de Cultura Cerro Corá, localizada em Serra Mar-SP, e foi projetada pelo Grupo Fresta, formado em 2009, atua em projetos arquitetônicos e socioculturais que cabem aos arquitetos -Anita Freire, Carolina Sacconi, Otávio Sasseron- e à socióloga do grupo, Tais Freire). A arquitetura como produto final é alcançada a partir do trabalho de vários profissionais que se dedicam à investigação e envolvimento com a comunidade local, por meio de processos participativos. Caso o projeto demande a análise externa de outros especialistas, são realizadas parcerias com arquitetos ou profissionais de outras áreas.

A prática dos processos participativos em comunidades é uma especialidade do grupo, que busca “compreender, junto às comunidades de trabalho, as necessidades e identidades, formulando conjuntamente com aquela população o programa do projeto e os possíveis desdobramentos.” (FRESTA, 2009). As visitas técnicas delimitam a metodologia que será adotada e as oficinas participativas contribuem para tomadas de decisões para projetos.

Feita para receber outros parentes⁶ e turistas, a Casa de Cultura da a.i Guaraní Cerro Corá terá em seu programa “espaço para apresentações de dança e luta típicas guaranis, sala para exposições e sala para produção e venda de artesanato. Além disso, foi pedido um almoxarifado geral da aldeia.” (GRUPO FRESTA, 2019). A elaboração do programa de necessidade da projeto foi resultado das Oficinas Participativas⁷ realizada pelo grupo.

Figura 24 - Casa de Cultura Cerro Corá - representação do entorno



Equipe Arquitetura: Anita Freire,
Carolina Sacconi, Luan Carone e
Otávio Sasseron
Equipe Administrativo: Taís Freire
Parceria: VD Arquitetura
Cidades: Serra do Mar - SP
Ano de projeto: 2018-2020
Ano de oficinas participativas: 2016

Fonte: Grupo Fresta, 2019

A planta da edificação tem formato circular, a decisão projetual viabiliza a existência de um pátio central que protagoniza a iluminação zenital⁸ do espaço. Não se sabe ao certo a respeito de seus materiais estruturais e construtivos, mas, a princípio, parece ter uma cobertura de telha cerâmica e estrutura de madeira, apoiada, também, em peças e fechamento de madeira.

Figura 25 - Casa de Cultura Cerro Corá

⁶ Termo fraterno usado entre indígena para se referir a uma pessoa de outra etnia.

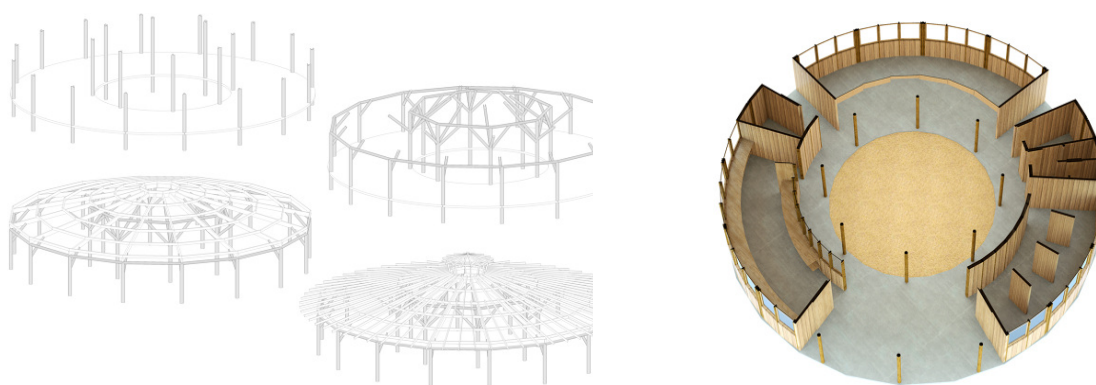
⁷ processo participativo realizado em doze aldeias indígenas, localizadas ao sul da metrópole de São Paulo, para o levantamento dos desejos, demandas, vontades de permanência e futuros processos de expansão, formas de utilização do espaço, preferência por materiais, volumetrias, espacialidades e arquitetura.

⁸ forma eficiente e sustentável de aproveitamento da luz natural através de aberturas na cobertura de uma edificação,



Fonte: Grupo Fresta, 2019.

Figura 26 - Estrutura da Casa de Cultura Cerro Corá



Fonte: Grupo Fresta, 2019.

A importância desta obra como referência de projeto se dá pelo aproveitamento máximo dos recursos naturais para conforto térmico e lumínico. Assim como adoção partido - formato da planta, escolha dos materiais, planejamento dos espaços - contribuiu para aspectos estéticos e funcionais da arquitetura.

2.3. *School Primary in Gando* - Diébédo Francis Kéré

Partindo do método Geoffrey H. Baker (1998 apud SILVA, 2021), que analisa um projeto sob seus aspectos formais, volumétricos e cultural, a decisão por esta segunda referência projetual justifica-se pelo partido arquitetônico e pela concentração em técnicas de execução viável e dentro da realidade do lugar, pois segundo o autor “a arquitetura está condicionada a três fatores

elementares: às condições do local, aos requisitos funcionais e à cultura local, ressaltando que esta última influência nos materiais e estrutura empregados no projeto.” (SILVA, p. 40, 2021)

Nascido em Burkina Faso, oeste da África, e consolidado em Berlim, o arquiteto Diébédo Francis Kéré é o primeiro negro a receber, neste ano, o prêmio Pritzker da Arquitetura por seu trabalho e por sua honrada atitude cidadã e comunitária, ele acredita que a arquitetura deve servir como inspiração para as pessoas, para que esta inspiração sirva como energia para realização pessoal. Com recursos da sua fundação *Schulbausteine fuer Gando* (Tijolos para Gando), o arquiteto construiu uma escola primária em Gando, sua cidade natal. O burquinabê conseguiu incluir os próprios habitantes da vila na construção da *‘Primary School in Gando’* (Escola Primária de Gando), que conquistou pessoas do mundo inteiro com seu primeiro projeto construído.

Contando com as dificuldades econômicas e climáticas do lugar, a escola foi erguida com materiais disponíveis no local, que, apesar de ser muito óbvio, ainda é uma primícia ignorada pelos profissionais da arquitetura, que acabam incentivando a busca externa de materiais e automaticamente elevando o valor do projeto. A escola tem sua materialidade construída a partir da lama da argila com água, um método construtivo tradicional muito antigo, conhecido no Brasil taipa de mão.

Apesar da sua durabilidade limitada, no entanto, as paredes devem ser protegidas contra as chuvas com um grande telhado de zinco suspenso. Muitas casas em Burkina Faso têm essas coberturas onduladas metálicas que absorvem o calor do sol, tornando os espaços internos muito quentes. (ARCHDAILY, 2016)

Figura 28 - Ampliação da Primary School in Gando



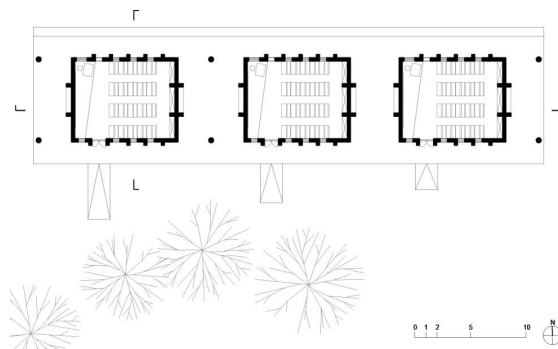
Arquitetos:
Kéré Architecture
Área : 310 m²
Ano : 2001

Fonte:

<https://www.kerearchitecture.com/work/building/gando-primary-school-3>

Com telhado metálico projetado voltado para fora, as paredes de barro ficam protegidas da chuva para que não derretam. Com a ampliação da escola, uma parte do teto foi feita com argila perfurada que permite a ampla ventilação cruzada, técnica que traz o ar fresco e liberando o ar quente para fora através do teto perfurado. Por sua vez, a pegada ecológica⁹ da escola é muito reduzida, sem a necessidade de ar-condicionado.” (ARCHDAILY, 2016)

Figura 29 - Primary School in Gando / Kéré Architecture.



Fonte:

<https://www.kerearchitecture.com/work/building/gando-primary-school-3>

Figura 30 - Primary School in Gando / Kéré Architecture.



Fonte:

<https://www.kerearchitecture.com/work/building/gando-primary-school-3>

Dado o exposto, a própria materialidade dos centros culturais demonstram a intenção técnica e artística do idealizador para a proposta arquitetônica da edificação. É dessa forma que os principais projetos de referências analisadas anteriormente expressam na própria arquitetura um marco referencial do lugar. Assim, é preciso trabalhar em direções de planejamento que tragam o acesso à cultura para níveis alcançados por todos os grupos sociais. É importante que a arquitetura do lugar contribua para aproximação de seus usuários.

⁹ conceito criado para representar a relação entre o consumo, exploração e utilização dos recursos naturais e a capacidade do planeta em repor tais elementos naturalmente.

2.4. Quadro síntese

A fim de reunir os principais aspectos de cada referência e programa arquitetônico apresentados, o quadro abaixo sintetiza os aspectos analisados:

Figura 31 - Referências projetuais - Quadro síntese

CATEGORIA	OBRA ARQUITETÔNICA					
	CASA DE CULTURA CERRO CORÁ (SP)	PRIMARY SCHOOL IN GANDO (BURKINA FASO, ÁFRICA)	VÂRE - CENTRO CULTURAL KAINGANG (PR)	CENTRO CULTURAL DO POVO ZORÔ (MT)	CENTRO CULTURAL DA ALDEIA PAITER WAGÔH PAKOB (RO)	CENTRO CULTURAL DA ALDEIA INDÍGENA TA'RAU PARU (RO)
IDENTIDADE E SÍMBOLO	projeto cultural com participação comunitária; arquitetura simples; regional paulista	auto construção coletiva; incentivo à educação; valorização do lugar de origem burquinabê.	espaço de permanência	atividades culturais e turísticas	espaço para retomada das práticas tradicionais Paiter	atendimento comunitário
SIGNIFICADO DO USO (PROGRAMA DE NECESSIDADES)	espaço para apresentações e produção guarani (salas de exposições, produção e venda de artesanato)	edificação para educação primária (biblioteca, salas de aula, vestiários)	venda e divulgação da cultura material kaingang	uso coletivo para fortalecimento da cultura indígena das comunidades (museu de memória e maloca digital)	espaço comunitário cultural	realização de atividades comunitárias e infantis juvenis;
GEOMETRIA E PLÁSTICA	volume único de formato cilíndrico; abertura nas extremidades; cobertura convencional com pequeno vazado.	blocos organizados em um volume retangular com aberturas laterais e espaços livres entre eles;	(material insuficiente para análise)	base de formato oval, topo abodado	formato retangular	volume cilíndrico; arquitetura simples
ESTRUTURA E MATERIAIS	estrutura e fechamento com peças de madeira; cobertura cerâmica.	estrutura com tijolos de argila; teto com tijolos furado de barro e cobertura principal metálica	(material insuficiente para análise)	aparentemente alvenaria e cobertura de telha multibobra	estrutura de madeira e cobertura de palha	estrutura de alvenaria e cobertura convencional

Fonte: Silva, 2021, adaptado.

3. ANÁLISES DA ÁREA DO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo apresentará de forma breve o contexto da aldeia estudada e apresentará parte da bibliografia que se debruçou a estudá-la. Apresentará, também de forma breve, o contexto do espaço construído em que está inserida.

3.1. Contexto do território Kaimbé

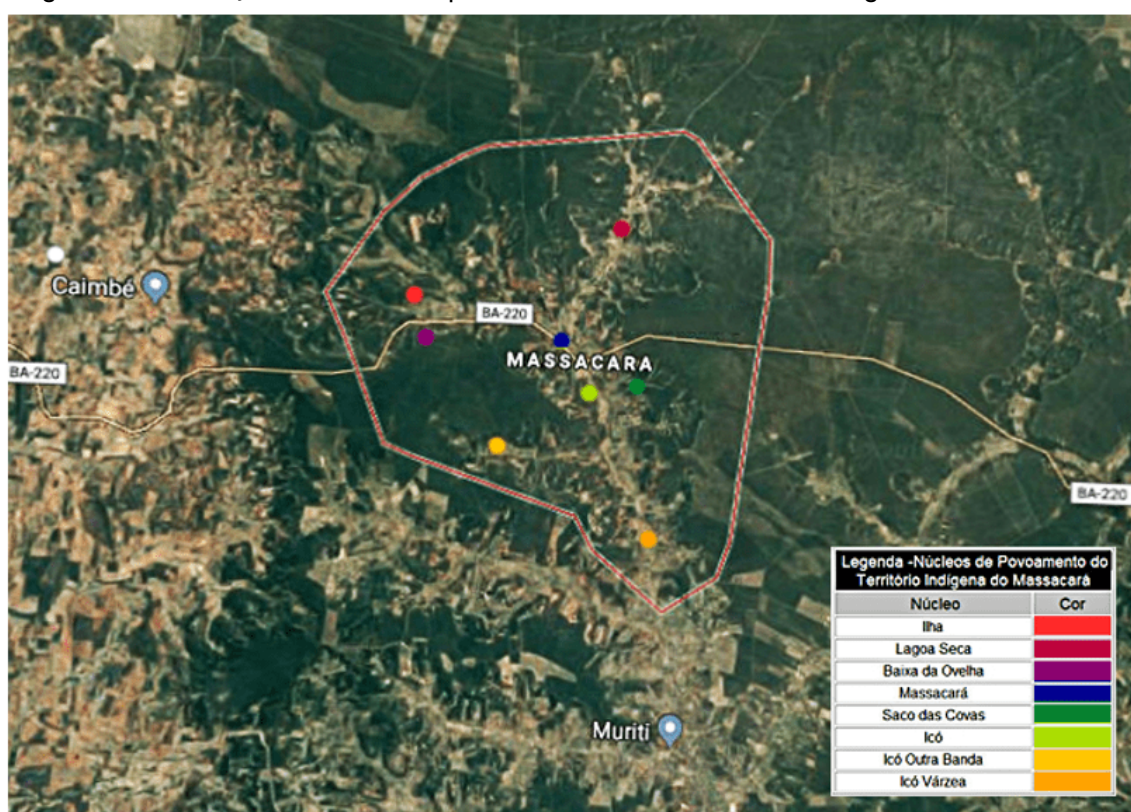
A Aldeia Massacará é o lugar de origem do povo Kaimbé é marcada pelo clima semi-árido em uma área de 8020 hectares. No que diz respeito ao território, a aldeia indígena foi originada a partir de doações régias¹⁰ entre os séculos XVII e XVIII, com objetivo de instalar a missão jesuíta (CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019). A terra doada tratava de “uma légua de terras, em quadra, tomando como ponto de partida a antiga Igreja da Santíssima Trindade de Massacará e

¹⁰ As doações estão sob o Alvará Régio de 23 de novembro de 1700 e da Carta Régia de 1703. (OLIVEIRA, 1993 apud CALDAS; ALTMICKS; CANTON, 2019)

avancando, num polígono octogonal, por dentro das terras, antes pertencentes à Casa da Torre” (CALDAS;ALTMICKS; CANTON, 2019, p.4).

Quanto à legislação e documentação sobre o território estudado, atualmente, sabe-se que está resguardado sob o Decreto N° 395/1991¹¹ que homologa a demarcação administrativa da área indígena. Internamente Massacará é organizado e distribuído em oito núcleos povoados: Massacará, que concentra a maior parte da população, Saco das Covas, Lagoa Seca, Baixa da Ovelha, Icó,Várzea e Outra Banda (figura 32).

Figura 32- Distribuição dos núcleos de povoamento Kaimbé no Território Indígena de Massacará, 2018



Fonte:ALTMICKS e CANTON, 2020.

3.2. Aspectos ambientais e paisagísticos

Segundo a Secretaria do Desenvolvimento e Integração Regional da Bahia, 2008:

O território Kaimbé apresenta as características da caatinga, o regime irregular e os longos períodos de estiagem com escassez de chuvas, solos cristalinos, os tabuleiros e serras, a devastação das matas ciliares e a erosão do solo em

¹¹ Caracterizada como ocupação tradicional e permanente indígena, com superfície de 8.020,0802 ha e perímetro de 34.577,35 m.

decorrência da exploração da terra para produção agropastoril pela população não-indígena. (SEDIR, 2008, p.10)

Se Weimer (2012), enquanto arquiteto, diz que a arquitetura popular não pode mais ser adiada, agora enfatiza-se que a arquitetura “rural” juntamente com o “processo de urbanização”, isto é, o surgimento de vilas em áreas indígenas, também não podem mais ser ignorados. Nas palavras de Alfonso Altmicks, mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Massacará em sua dinâmica, perante o ambiente, é ressignificada com “traços de uma “ruralidade urbana ””. (ALTMICKS, 2020, p.562)

Figura 33 - Ruas de Massacará vistas do morro da Igreja



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Do alto da Rua Velha, especificamente da Pedra do Consolo, localizada atrás da Capela de São Vicente (figura 34), um local considerado como um atrativo turístico, é possível notar as

variações da paisagem natural (figura 35): elementos naturais, elementos construídos, áreas exploradas, estrada de acesso ao povoado e a diversidade de vegetação. Dentre os elementos construídos é possível ver as ocas de madeira e cobertura de palha, local onde acontece a Feira Cultural Kaimbé.

Figura 34- Capela de São Vicente que guarda a Pedra do Consolo, na Rua Velha em Massacará.



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Figura 35- Paisagem natural de Massacará - Vista da Pedra do Consolo.

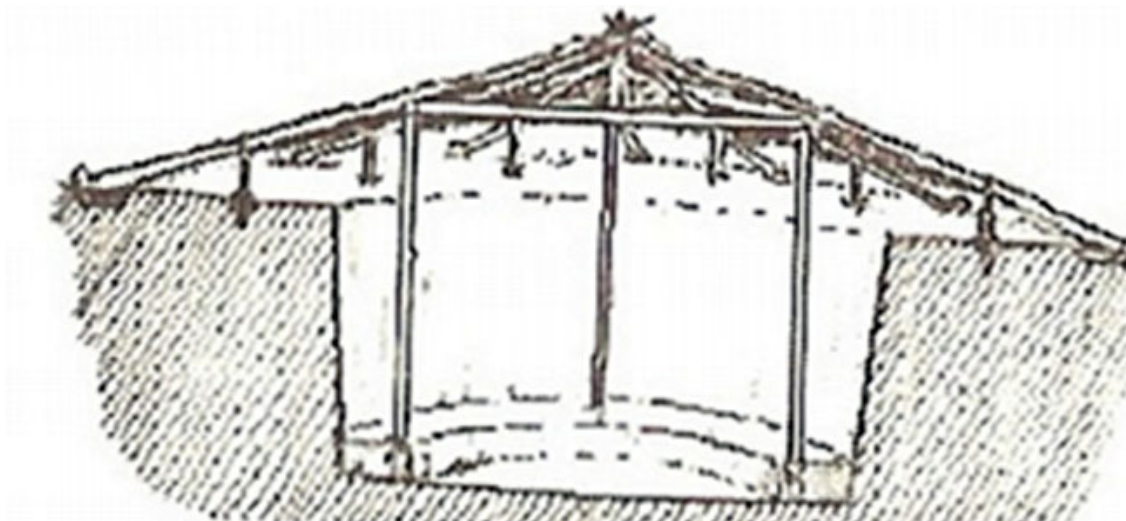


Fonte: acervo pessoal, 2021.

3.3. Caracterização da Arquitetura local

Para adentrar na observação arquitetônica, é possível dizer que as primeiras referências de arquitetura que influenciaram a técnica construtiva de povos indígenas acontecem como todos os outros tipos de influências: a partir dos costumes estrangeiros levados à aldeia. Um exemplo prático é a moradia Kaingang, a qual a técnica construtiva e a tipologia habitacional do grupo foram abandonadas aos poucos, deixando de construir as “casas subterrâneas” e adotando tipologias convencionais.

Figura 36 - Casa subterrânea em adaptação



Fonte: Amparo, 2010.

Segundo o geógrafo, Sandoval Amparo, “os indígenas passaram a morar em palhoças e depois, no início do século 20, em casas similares aos postos indígenas da Funai, isto é, habitações de madeira com telhas de barro ou amianto.” (AMPARO, 2010). Percebe-se aqui, como o mínimo da presença indigenista influencia e impacta o cotidiano indígena. Isto quer dizer que, a presença de uma edificação estrangeira à comunidade pode ter sido a primeira intervenção no sistema construtivo e no modo de morar da etnia Kaingang, por exemplo. Dessa forma, pode-se entender como acontece o processo de transformação das tipologias arquitetônicas ao longo do tempo e, nesse caso, como se deu a alteração na moradia indígena tradicional.

Para compreensão dos fenômenos arquitetônicos de Massacará, vale ressaltar que as discussões estão sob a luz da arquitetura popular: “aquela que é própria do povo e por ele é

realizada”, definida pelo arquiteto Gunter Weimer (2012). O autor se refere à uma arquitetura simples, dado o resultado da utilização dos materiais locais encontrados no meio ambiente (WEIMER,2012).

As ocas mencionadas e exibidas anteriormente (figura 34 são construídas para eventos periódicos, podendo caracterizar-se como uma arquitetura efêmera da população Kaimbé, sempre construída para receber algum evento. A figura abaixo (figura 37) é mais uma oportunidade para fazer observações a respeito dos elementos construídos, do entorno e da paisagem natural. Vale ressaltar a presença da Igreja Matriz no alto do morro, onde também é possível perceber as edificações da Rua Velha.

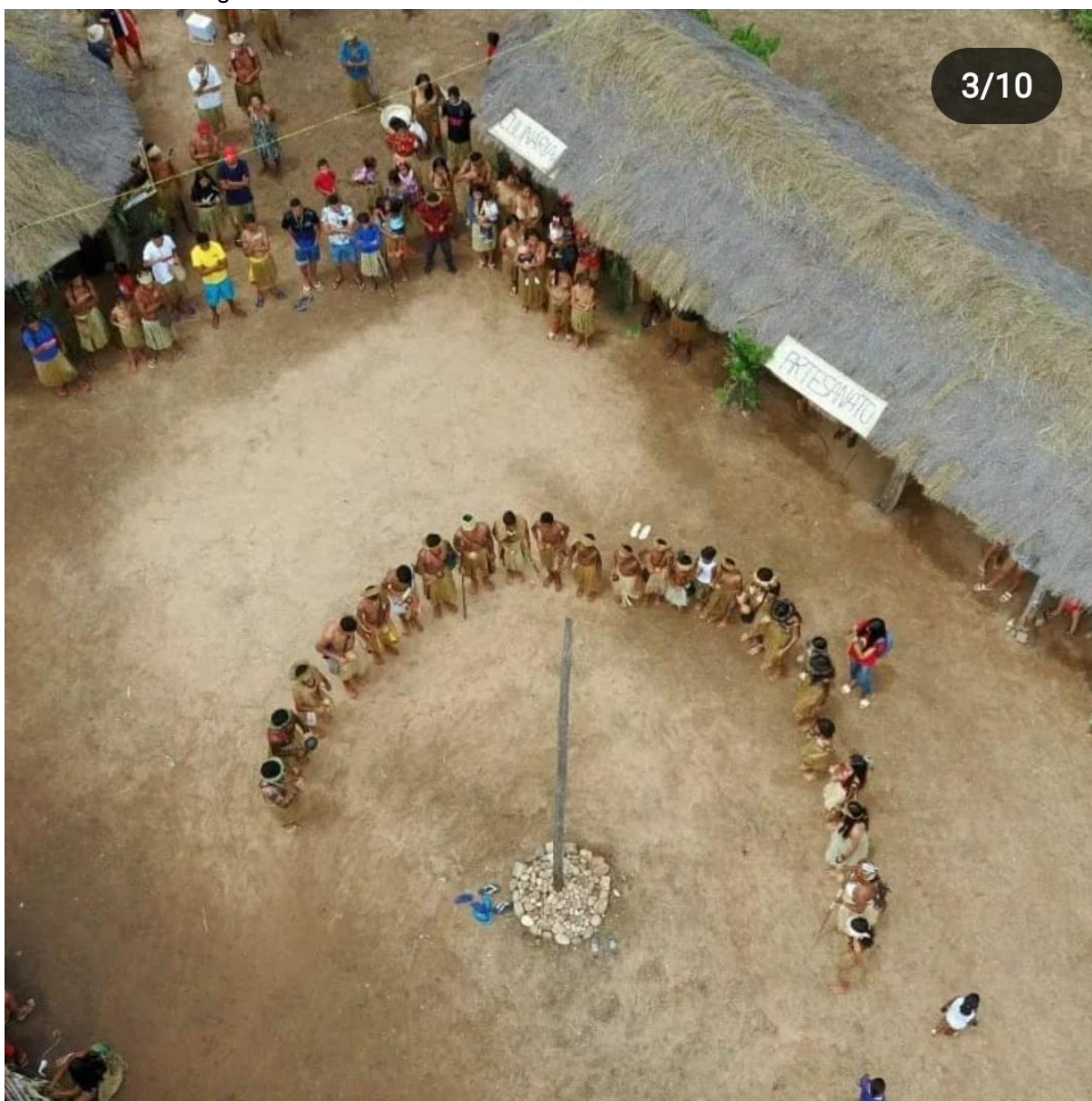
Figura 37 - Vista aérea do Espaço onde acontece a Feira Cultural



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021, adaptado.

Além da paisagem natural, é possível analisar a distribuição espacial do local, onde duas ocas retangulares em paralelo parecem ser observadas por uma terceira oca de formato originalmente circular, denotando uma certa hierarquia espacial e volumétrica. Ao centro, formado pelo posicionamento dos três volumes, acontece o Toré (figura 38), ali também acontecem os jogos indígenas e apresentações da população. Por sua vez, nas ocas laterais acontecem palestras e a venda de artesanato e culinária.

Figura 38 - Vista aérea do Toré Kaimbé, na XVII Feira Cultural Kaimbé.



Fonte: Instagram/povokaimbé, 2021.

É possível ver, a princípio, a materialidade das três principais edificações da arquitetura considerada aqui como efêmera. Espaços com planta livre, cobertura feita com palha seca, estruturas de madeira e alguns fechamentos com galhos verdes de árvores (figura 37). Além dos três espaços principais, sempre é feito um cômodo menor e mais afastado (figura 38) - possivelmente para preparação dos rituais. Este cômodo é construído com o mesmo sistema construtivo dos espaços maiores: palha e madeira, adicionando a taipa de mão (trama de madeira e barro). Os serviços são divididos por grupos que ficam responsáveis por cada tarefa da programação do evento, como: a limpeza do terreno, a busca e preparo dos materiais, convite e recepção dos convidados, entre outras tarefas.

Ainda não se sabe sobre as origens da taipa de mão no Brasil, o que se sabe é que “durante o início da colonização, todas as culturas componentes dominavam técnicas construtivas que utilizavam a terra como matéria prima.” (PISANI, 2004, apud ANDRADE, 2020). Em seus estudos Andrade (2020) constatou que não existe um consenso entre os autores que estudou:

Vasconcellos (1979, p. 33) sugere a influência indígena tendo em vista que os mesmos já faziam uso de estruturas autônomas de madeira na construção de suas edificações. O arquiteto e urbanista Silvio Colin (s.d., p.12) considera que a técnica de taipa de mão (ou pau-a-pique) já era de conhecimento dos indígenas e dos negros africanos. A arquiteta e urbanista Maria Augusta Justi Pisani considera a influência africana visto que: “os negros trazidos ao Brasil também conheciam processos construtivos que utilizavam a terra, algumas tribos empregavam estruturas preenchidas com barro, que apresentavam similaridades com as técnicas de algumas tribos brasileiras. [...]”. (ANDRADE, 2020, p.31)

Figura 39 - Pequeno cômodo construído por indígenas Kaimbé, em taipa de mão e cobertura de palha .



Fonte: acervo pessoal, adaptado, 2021.

Além deste "protótipo da arquitetura efêmera", algumas das edificações mais antigas em Massacará foram construídas seguindo as técnicas tradicionais e a disponibilidade dos materiais existentes à época, como a taipa de mão e tijolos e de adobe. Ao analisar a casa de uma moradora da Várzea (figura 40), não se sabe ao certo o ano de construção, mas é possível perceber a materialidade original (tijolos de adobe, porta dividida) e materiais contemporâneos que marcam as fases de intervenções na edificação.

Figura 40 - Casa em Várzea, Massacará



Legenda

- 1- Cobertura com telha cerâmica
- 2- Blocos cerâmico
- 3- Porta dividida horizontalmente
- 4- Blocos de adobe
- 5- Chão de terra batida

Fonte: acervo pessoal, adaptado, 2021.

Em seu capítulo intitulado *A Casa Kaimbé*, o antropólogo Bruno Souza entrevistou, em 1994, moradores da aldeia que relataram como era a morada dos primeiros habitantes Kaimbé. Segundo os entrevistados, as primeiras habitações eram construídas nas roças, onde cultivavam a terra para produção da subsistência. O sistema de abastecimento se dava através da agricultura familiar e da caça, pois, segundo os moradores contemporâneos seus antepassados “conhecem bem o ‘mato’ e comem frutas do mato”. (SOUZA, 1996, p. 7).

Aproveita-se o momento para informar sobre o estado atual do espaço físico da aldeia, relacionando algumas imagens recentes com as observações de Bruno Souza em 1996. Segundo o autor:

As casas dos Kaimbé têm hoje uma grande diversidade de formas; misturam-se casas de taipa, mas cobertas de telhas; pequenas casas de tijolos sem reboco e outras rebocadas e caiadas. A grande maioria é constituída de um ou dois quartos, uma sala e uma cozinha. O sanitário, quando existente, é uma construção separada da casa. (SOUZA, 1996, p. 72)

Dessa forma, as figuras a seguir apresentam o perfil da “urbanização” de Massacará enquanto espaço rural, ruas com calçamentos recentes, casa de alvenaria e cobertura de telha cerâmica, portas centrais e janelas laterais em madeiras.

Figura 41 - Casas da Rua Velha em Massacará



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Figura 42 - Casas do centro em Massacará



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Figura 43 - Casas no centro de Massacará



Figura 44 - Casas no centro de Massacará



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Figura 45 - Casas na Rua Velha em Massacará

Figura 46 - Casas no centro de Massacará



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Figura 47 - Escola Estadual



Fonte: acervo pessoal, 2021

Conforme constatou Souza em 1996, as casas permanecem com a mesma estética e estrutura mencionadas pelo autor; no entanto, passaram por melhorias de infraestrutura e tiveram adaptações para uso e conforto da família, como por exemplo, a instalação de piso cerâmico, instalação do banheiro no interior da residência com novas instalações hidrossanitárias, instalação de internet etc.. A respeito dos equipamentos públicos a comunidade recebeu uma quadra poliesportiva e, respectivamente, posto de saúde e escola estadual, passaram por mudança de endereço e reformas.. No quesito urbano, as ruas, por sua vez, possuem área maior de pavimentação

Figura 48 - Placa de obra da construção de uma quadra poliesportiva no povoado de Massacará



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Para a psicóloga Carine Monteiro de Queiroz (2012), a maioria das casas do povoado tem-se transformado. Os habitantes de Massacará já possuem “televisão com parabólica, mas não há sinal para celular, e o acesso à internet com conexão via rádio foi iniciado recentemente (2011)”. Além disso, a própria povoação já consolidou práticas de comercialização em geral de produtos e mantimentos orgânicos. (QUEIROZ, 2012, p. 52). Assim, as informações trazidas pelo estudo da autora já tiveram um avanço de dez anos e se faz necessário atualizar estas informações à luz do presente ano. Logo, é possível informar que: a televisão agora é *Smart TV*, smartphones, computadores e o acesso à internet sem fio são comuns entre a maioria das pessoas.

Refletir sobre os impactos da globalização em espaços urbanos não causaria estranhamento algum, no entanto, ao tratar do mesmo assunto e suas transformações em espaços rurais e territórios indígenas, é comum perceber o sentimento de espanto e inconformidade por parte dos demais grupos sociais e pessoas não-indígenas. É difícil acreditar que 300 anos após exposições aos diversos conflitos e interações sociais, as pessoas ainda esperam e romantizam que haja, no sertão nordestino, uma terra indígena com “índios” vivendo em ocas atirando flechas em beiras de rios. É contraditório, (chegando a ser irônico) pensar que uma civilização forçada não implicasse transformação alguma nos espaços e na cultura indígena.

4. ESTUDOS INICIAIS DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Este capítulo trará a apresentação da área de intervenção, entorno imediato e suas condicionantes climáticas

4.1. Questionário

Antes de iniciar a concepção formal, se fez necessário entender quais são as necessidades voltadas para o espaço público percebidas pela própria população e entender como se daria uma possível intervenção arquitetônica. Para isso foi elaborado um formulário com 5 (cinco) perguntas abertas e não obrigatórias, disponibilizado de forma eletrônica e respondido por um total de 23 (vinte e três pessoas) . Esta foi uma medida adotada em contrapartida ao deslocamento até a aldeia e os prazos a serem cumpridos. As perguntas, que tiveram respostas positivas e foram imprescindíveis para o desenvolvimento do trabalho. As perguntas com maior número de respostas foram coletadas e organizadas nas figuras 49, 50, 51 e 52.

Figura 49- Resultado do questionário



Uma oca fechada com acesso a visitante e artesanatos expostos pra venda e pra demonstração.

Uma casa com várias coisas falando de nossa cultura, do nosso povoado, para que os visitantes possam conhecer um pouco da nossa história.

Construção de uma praça ou playground.

Casa para aulas infantis e adolescentes

Uma oca com uns bancos.

Uma área de lazer, voltado para jovens e crianças.

Um centro histórico do povo Kaimbé.

Banheiro com casa para aulas infantis, tipo escola dominical.

Uma venda porque na Rua Velha não vende nada.

Um bom espaço para a feira de cultura.

Duas vertentes: Uma oca grande porém fechada e ventilada e / ou uma local para as crianças brincarem, mas com segurança pois, ali é descaído.



Local recreativo, para exposição de material da Cultura local em forma de acervo para a visitaçãõ.

Museu para fotos antigas, tipo memorial algo relacionado...

Uma sala de exposição de memórias.

Espaço comunitário para reuniões.

Imagino um lindo espaço da feira de cultura para receber visitantes

Um pequeno museu.

Praça

Que tipo de espaço você imagina para o terreno indicado?

Fonte: a autora, 2022.

Figura 50 - Resultado do questionário



Fonte: a autora, 2022.



Figura 51- Resultado do questionário



Fonte: a autora, 2022.

Figura 52 - Resultado do questionário



Fonte: a autora, 2022.

4.2 Estudos sobre a área de intervenção

O reconhecimento do local pode ser feito a partir da figura abaixo que apresenta o mapa da aldeia e aponta para o terreno de implantação do objeto de estudo e indica os equipamentos públicos e os principais estabelecimentos no entorno. Foram identificados quadra esportiva e campo de futebol, escola, mercearia, posto de saúde, lanchonete, cemitério, escola e

pontos turísticos. Também é possível perceber as principais vias públicas, que possuem fluxo moderado e de relações diretas.

Figura 53 - Localização do terreno para implantação da proposta

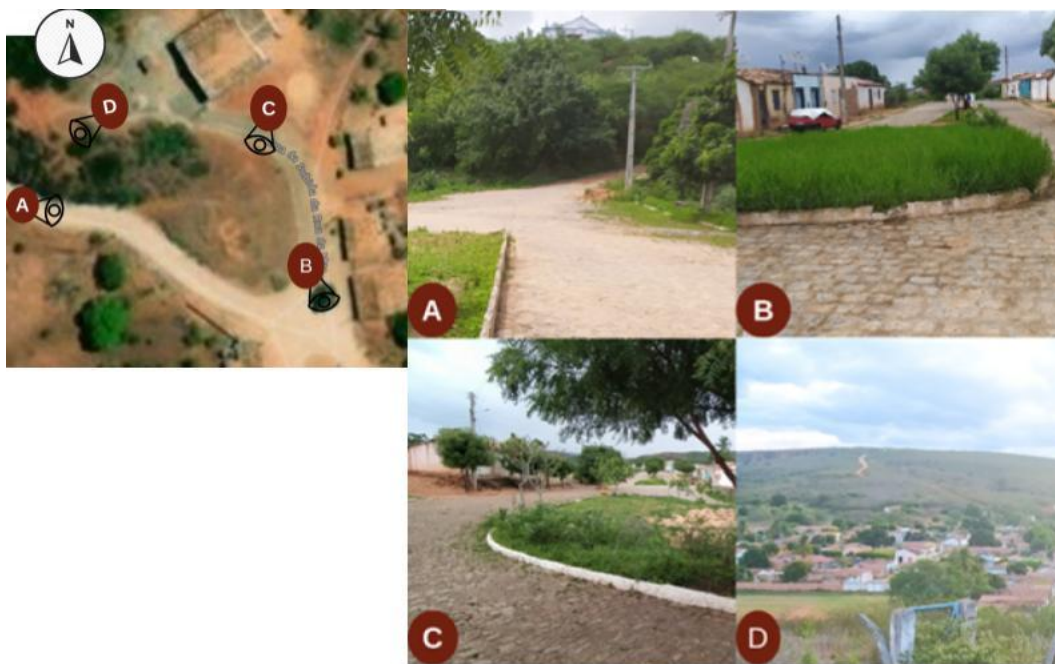


Fonte: Gosur Maps (2022), adaptado.

Após reunião com as lideranças da Aldeia, o terreno indicado para realização do estudo está localizado na quadra da Rua Velha, no mapa das figuras encontra-se como Rua da subida da Matriz, onde também pode ser localizada a Igreja da Santíssima Trindade.

Para possibilitar melhor compreensão do terreno, em visitas à área de intervenção, foram realizados alguns registros fotográficos. Em cada ponto marcado na figura abaixo foram feitas algumas fotos que mostram a vista do observador para a localidade.

Figura 54 – Levantamento fotográfico



Fonte: Fonte: Gosur Maps (2022) e acervo pessoal, adaptados.

É possível perceber que o terreno se encontra em uma região acidentada, em que o ponto mais baixo pode ser visto no item A (figura 54), e ponto alto é visto no item D, de onde visualiza-se todo o vilarejo da parte baixa. Por fim, abaixo uma vista superior em perspectiva com vista para o terreno ilustra a área intervenção, mediado pela Rua Velha

Figura 55 – Terreno localizado na Rua Velha



Fonte: <http://www.kaimbe.blogspot.com/2011/02/massacara.html>, 2022.

Quanto às condicionantes ambientais do terreno, a figura 56 apresenta a Rosa dos Ventos do município de Euclides da Cunha, demonstrando a predominância da ventilação no sentido sudeste. Na proposta do projeto, a maioria das aberturas estão voltadas para o sudeste.

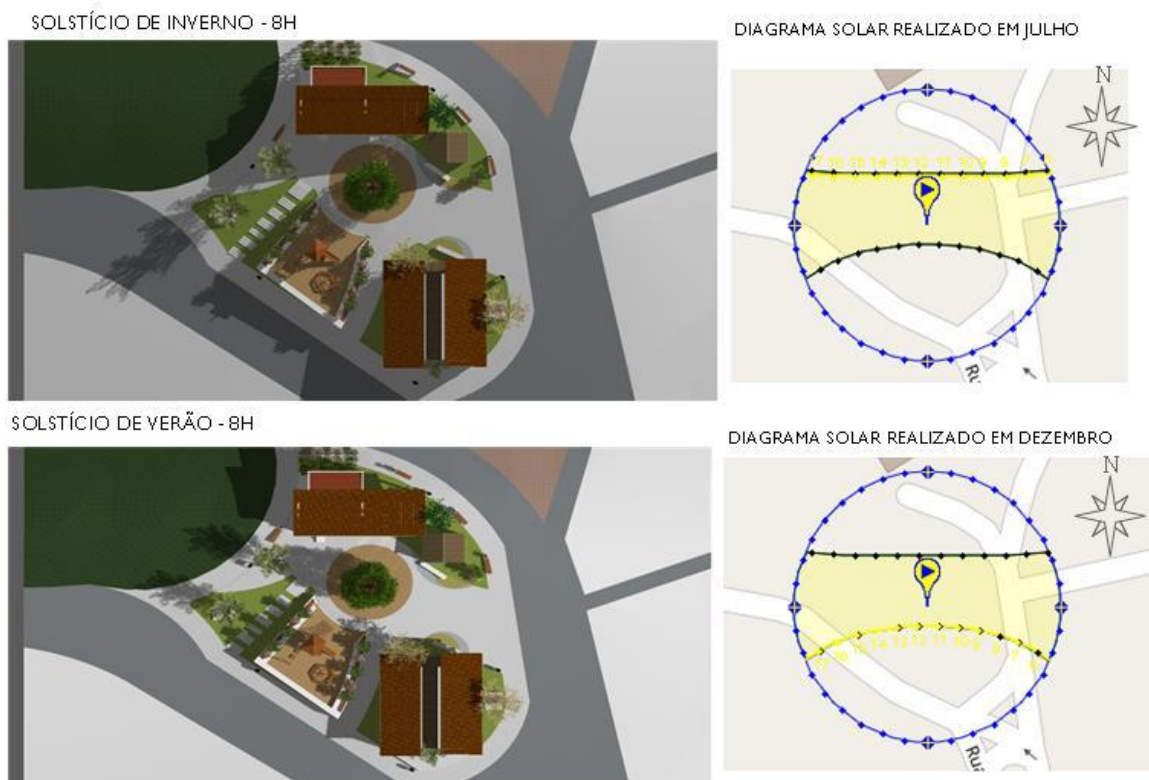
Figura 56 – Rosa do ventos de Euclides da Cunha sobre o terreno



Fonte – Projeteo (2022), adaptado pela autora.

A decisão de locação das edificações passou por vários estudos de implantação, para que, junto com a declividade do terreno, o programa fosse distribuído da melhor forma, possibilitando que todos os blocos fossem privilegiados. Assim, os ambientes que terão maior permanência estarão no sentido leste e aqueles de rápida permanência ou de uso eventual estão no sentido oeste. A figura 57 apresenta o diagrama solar, as faces das edificações que são sombreadas e aquelas que recebem sol, em diferentes épocas do ano.

Figura 57 – Diagrama solar



Fonte: Sunearthtools, (2022), adaptado pela autora.

4.2. Programa de necessidades

O programa arquitetônico previsto para o estudo foi elaborado a partir da percepção das atividades rotineiras da comunidade e das necessidades que este público alvo enfrenta para realizar suas produções e atividades cotidianas e culturais. Assim, o Centro Cultural será organizado em quatro setores e possuirá os seguintes ambientes e respectivas áreas, exibidos na figura abaixo.

Figura 58 –Programa de necessidades

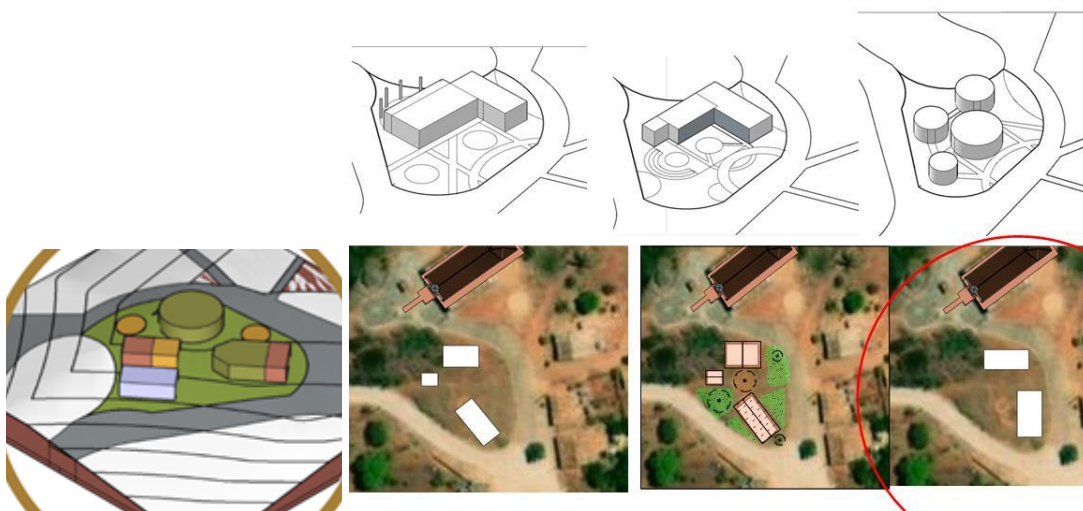
SETOR	DESCRIÇÃO	ÁREA UTIL	30% CIRCULAÇÃO E PAREDES	ÁREA DE CONSTRUÇÃO
SOCIAL	SALA DE REUNIÃO	12		
	REFEITÓRIO COBERTO	21		
	<i>Área útil do setor</i>	33	9,9	42,9
CULTURAL	ÁREA PERMEÁVEL PARA O TORÉ	50		
	SALA DE MÍDIA	12		
	SALA DE ARTESANATO	12		
	SALA MEMORIAL	9		
	SALA LEITURA	9		
	<i>Área útil do setor</i>	92	27,6	119,6
SERVIÇOS	SANITÁRIOS	3		
	ÁREA DE BANHO	8		
	COZINHA	17		
	DEPÓSITO	2		
	<i>Área útil do setor</i>	30	9	39
RECREAÇÃO	Playground	20		
	<i>Área útil do setor</i>	20	6	201,5
		ÁREA CONSTRUÍDA TOTAL		403

Fonte:A autora, 2022.

4.3. Estudos da forma e de Implantação

Após estabelecido o programa de necessidade e visualizando os setores de ordenamento, deu-se início aos estudos formais. Os primeiros estudos estão inerentes às condições topográficas do terreno, visto sua forma acidentada, os setores se acomodaram em blocos e estes se acomodam no local em função da superfície encontrada.

Figura 56 - Estudos da forma

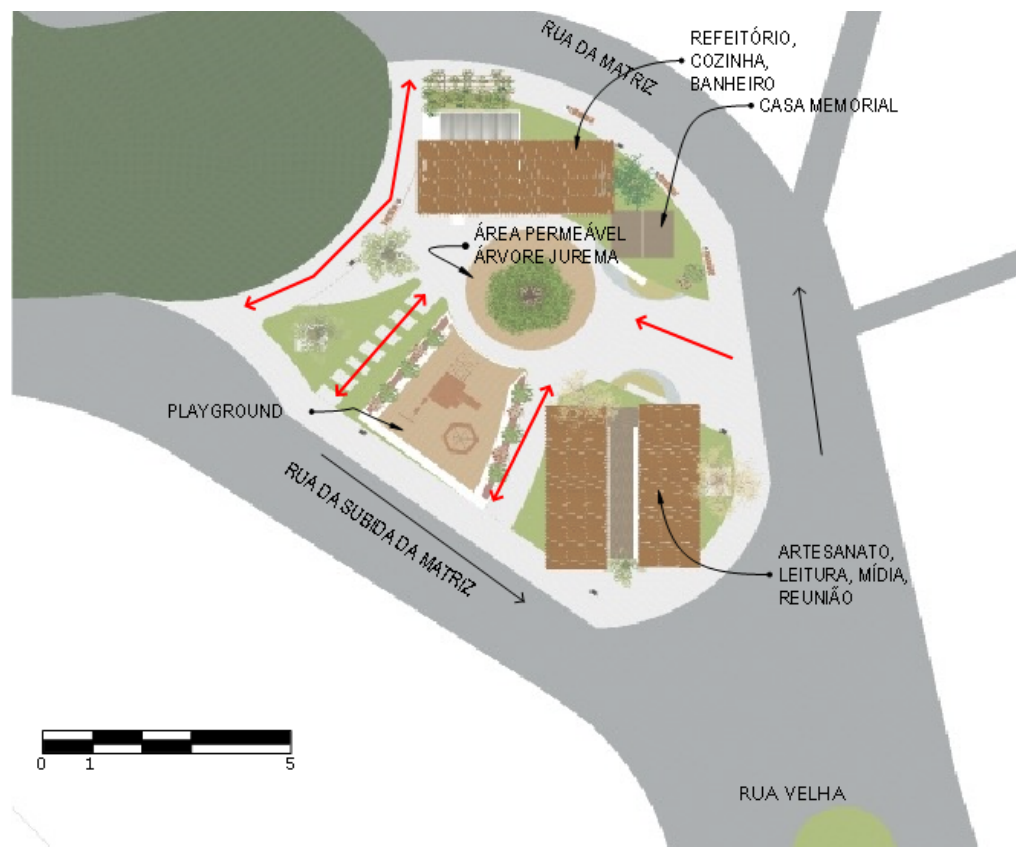


Fonte:A autora, 2022.

A tomada de decisão para os estudos plásticos e volumétricos seguiu alguns princípios, dentre eles a ideia de separar os setores em núcleos, decisão que possibilita que a distribuição seja uma forma de ordenamento. A semelhança dos formatos e volumes demonstram que os blocos possuem unidade entre si, permitindo uma ideia de que um bloco é a extensão do outro.

A decisão da acomodação interna do programa foi pensada para que o uso dos ambientes e as atividades possam acontecer de forma independente, ao mesmo tempo que a acomodação externa seja palco para outras atividades interessantes, como um roteiro de visita, encontros ao ar livre, Toré na área permeável, sob a sombra da árvore jurema, como indica a figura 34. Os eixos imaginários (em vermelho) viabilizam soluções de direção, conexão e permeabilidade por toda a área.

Figura 57 - Implantação



A casa memorial ganha esse título prévio por seus sistemas construtivos saírem em partida da cultura e materialidade nordestina, referenciando o formato das primeiras habitações dos

povos originários, como mencionado anteriormente, e para que seja uma amostra viva e sensível da arquitetura popular, tradicional e local. Os blocos se adequaram à forma da superfície topográfica, com a tentativa de viabilizar a locação e reduzir a quantidade de cortes e aterros.

As palavras destacadas permearam toda a narrativa da pesquisa e agora o conceito adotado será diretriz para as próximas etapas da concepção arquitetônica. A partir de todo o apanhado exposto ao longo deste trabalho, a figura abaixo representa como foi idealizado o conceito deste estudo. Onde muito se defende a vivência cultural, indígena, nordestina entendendo que os modos de viver a cultura ainda são carentes de espaços que fomentem essa ação.

Cada palavra chave será o ponto de partida para o processo criativo e o conceito serviu como delimitador para que não haja a fuga da proposta. Espera-se que o objeto de intervenção possibilite a vivência cultural e atenda os interesses comunitários; que a criação do espaço e os seus elementos construtivos permitam a identificação do usuário com os novos espaços, não destoando do ambiente natural, de vivência nordestina e raízes indígenas.

Figura 58 – Conceito arquitetônico



Fonte: A autora, 2022.

Desta forma, fica a cargo do partido arquitetônico transportar para a arquitetura do Centro Cultural o conceito, a função e o sentimento de vivência na área de intervenção, dessa forma, qualificando a área, resguardando a realidade do lugar e proporcionando condições de lazer e

socialização para os moradores e visitantes da comunidade. O conceito apresentado embasou o partido da proposta arquitetônica.

5. ANTEPROJETO: CENTRO DE CULTURA KAIMBÉ

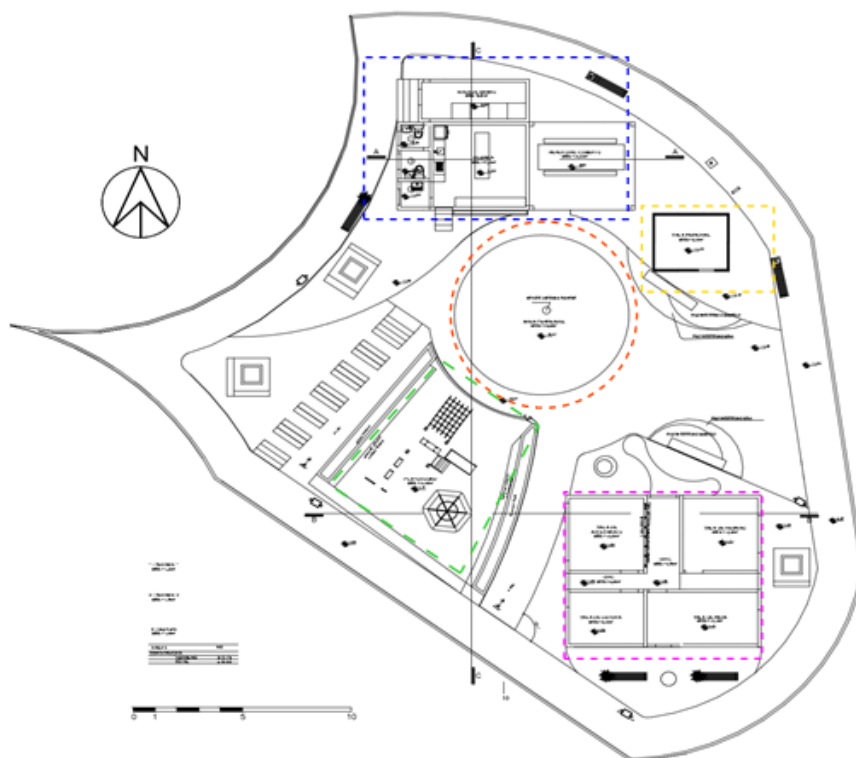
Antes de finalizar a volumetria aconteceram diversos estudos de implantação que exploraram ao máximo a locação dos blocos em função da topografia. Os estudos foram realizados mediante um modelo de superfície disponibilizado pelo *software* Sketchup¹² que mais se aproximou da realidade, uma vez que não possuímos informações disponíveis sobre a topografia exata do terreno. Por estar sem uso a muito tempo e, principalmente, por estar em declive, não é possível levantar tantas informações topográficas viáveis, mas as visitas *in loco* permitiram sentir a realidade do terreno em sua dimensão e variações naturais. Por fim, este capítulo apresentará o resultado final ao qual foi dedicado este estudo.

5.1. Resultados da proposta do Centro Cultural

A partir do programa de necessidades, do pré-dimensionamento previsto e da configuração dos volumes, chegou-se ao *layout* apresentados na figura abaixo:

Figura 59 – Planta baixa

¹² Software próprio para a criação de modelos em 3D no computador.



Fonte: A autora, 2022.

A área central (em vermelho) foi pensada para que fosse literalmente o coração da área, por sua função, formato e localização. Este espaço é uma área permeável em que é possível explorar os sentidos sensoriais das pessoas, uma vez que os pés descalços do toré sentem o chão, ao passo que entoam cantigas nativas sob a proteção da árvore jurema. As áreas livres podem ser utilizadas independente do funcionamento dos blocos de serviço e cultural. O playground (em verde) é uma possibilidade de abranger diferentes faixas etárias e propiciar atividades familiares.

O setor de serviços (em azul) ficou em uma área que teria maior facilidade de instalações para o abastecimento de água, conseqüentemente, nesta região foram locados os banheiros, cozinha, depósito e o refeitório por possuírem fluxo de uso interligados.

A casa memorial (em amarelo) está entre os dois blocos, sendo uma conexão de entorno entre eles, decisão que justifica-se em razão do destaque proporcionado por sua materialidade. A reprodução da casa de taipa já é um hábito entre os Kaimbé, que em suas Feiras Culturais constroem uma pequena casa com esse sistema construtivo familiar.

O bloco do setor cultural (em lilás) possui dependências para a realização das principais atividades exposto no programa de necessidade (mídia, artesanato, leitura etc.) e é reforçada pelo questionário respondido por moradores da aldeia.

5.2. Elevações

Como resultado da proposta arquitetônica, todas as faces da centro comunitário estarão voltadas para pontos estratégicos da Rua Velha. Na fachada norte (figura 60) tem-se a visão direcionada para a Igreja Matriz; nesta fachada também é possível avistar a presença do refeitório, um pergolado com cobertura vegetal e a variedade de vegetação.

Figura 60 - Elevação Norte



Fonte: a autora, 2022.

Na fachada Sul é possível notar o playground, mobiliário urbano e alguns dos acessos que convidam o usuário ao empenhamento do centro.

Figura 61 - Elevação Sul



Fonte: a autora, 2022.

Na fachada leste, fachada de maior extensão, é possível notar o primeiro bloco do setor cultural, seguido pela área central, marcada pela presença da árvore da espécie Jurema, sugerida em função da identidade local. Destacada pela cor, pode-se visualizar a Casa Memorial, construída em taipa e com cobertura de palha seca.

Figura 62 - Elevação Leste



Fonte: a autora, 2022.

Por sua vez, pode-se dizer que a fachada Oeste acompanha o usuário que anda pela ladeira da matriz. Devido a condição da ladeira, foi criado uma área plana para locar o playground e por consequência, surge um paredão voltado para a subida; tomando como partido, para a proposta, ele foi utilizado como uma área de afirmação da identidade étnica da aldeia (figura 64).

Figura 63 - Elevação Oeste



Fonte: a autora, 2022.

Para trazer interação durante a subida da ladeira da Rua Velha, foi sugerido um grafismo representativo que traz uma mensagem particular da comunidade, ao passo que adiciona conceitos estéticos contemporâneos ao local.

Figura 64 - Paredão com grafismo



Fonte: a autora, 2022.

Além da partido, a decisão formal foi pensada no orçamento e na mão de obra, para isso foi adotado um segmento estético rústico. Assim, a partir de todos os estudos mencionados, tem-se a definição da volumetria final da proposta arquitetônica em que é possível apresentar detalhes construtivos e de soluções projetuais pré-estabelecidas anteriormente, como é visto a seguir.

Figura 65, 66, 67 e 68 – Volumetria e concepção arquitetônica final





Fonte: A autora, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos encontrados, até então, são pesquisas de ciências humanas e que se esforçam para tentar construir uma cronologia da história a partir das memórias coletivas. Essa forma de captação da história é importante, pois desperta o sentimento de legitimidade da identidade social (Pollak 1992 apud SOUZA 1996). Na medida do possível, foi oportuno e satisfatório a contribuição com atualização de algumas informações de autores que dedicaram a estudar e presenciar a vivência do povoado.

Pesquisas sobre a caracterização do espaço físico de Massacará são quase inexistentes os materiais que de fato apresentem registros do lugar, exceto por caracterização verbal a partir de relatos dos moradores e análises correlatas de outros estudiosos. No entanto, este trabalho permitiu que novos conteúdos, através de pesquisas e análises próprias, fossem inseridos à bibliografia de Massacará. Espera-se que as novas análises possam contribuir e incentivar a pesquisa e a produção de documentações físico-espaciais que fomentem o acervo da temática, além de direcionar o leitor e demais profissionais que lidam com o assunto a entender, através da contribuição arquitetônica, a história do Massacará e do povo Kaimbé.

Por se tratar de um local acidentado e que não possui informações de sensoriamento remoto suficientes, houve certa dificuldade para coletar e produzir as informações planialtimétricas a respeito do terreno, assim, por demandar recursos complexos, as informações apresentadas foram produzidas recentemente para efeitos de estudo e representação.

Acreditando no potencial dos equipamentos públicos comunitários, se fez importante a oportunidade de apresentar o programa arquitetônico dos centros de cultura e apresentar uma proposta semelhante para o local estudado.

Satisfatoriamente, com os dados alcançados foi possível atingir os objetivos previstos inicialmente para este trabalho, além de contribuir para a bibliografia de Massacará com as análises produzidas sob o viés do planejamento arquitetônico e urbanístico.

Desenvolver essa proposta arquitetônica se faz real utilizar a arquitetura e o planejamento Urbano como instrumento de incentivo à cultura local, à oferta de espaços públicos de lazer de

qualidade, acreditando na redução das desigualdades através da autonomia sociocultural que poderemos almejar com a instalação do Centro Cultural em Massacará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Amazônia Notícia e informação**. BNDES APROVA R\$ 8 MI DO FUNDO AMAZÔNIA PARA PROTEÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS EM RONDÔNIA E MATO GROSSO. 2016. Disponível em: <<https://amazonia.org.br/bndes-aprova-r-8-mi-do-fundo-amazonia-para-protecao-de-terras-indigenas-em-rondonia-e-mato-grosso/>>. Acesso em 12 de maio 2022.

_____. Escola Primária em Gando / Kéré Architecture [Gando Primary School / Kéré Architecture] 06 Maio 2016. **ArchDaily Brasil**. Acessado 16 Mai 2022. <<https://www.archdaily.com.br/br/786882/escola-primaria-em-gando-kere-architecture>> ISSN 0719-8906

_____. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico - IPHAN**. Iphan e moradores se unem para conservar igreja mais antiga de Paraty (RJ). 2022. Disponível em: <[nacionalhttps://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-e-moradores-se-unem-para-conservar-igreja-mais-antiga-de-paraty-rj](https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-e-moradores-se-unem-para-conservar-igreja-mais-antiga-de-paraty-rj)>. Acesso em 12 maio 2022

_____. **Instituto Socioambiental - ISA**. Centro cultural indígena será inaugurado em aldeia de Cacoal, RO. 2016. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/en/noticia/172131>>. Acesso em 12 de maio de 2022.

_____. Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e Cultura - **UNESCO**. *Patrimônio material*. 2020. Disponível em <<https://cvunesco.org/cultura/patrimonio-materia>>. Acesso em 14 maio de 2022.

_____. **Grupo Fresta**. Casa de Cultura Cerro Corá. Serra do Mar, SP: 2019. Disponível em: <<https://www.grupofresta.com.br/Casa-de-Cultura-Cerro-Cora>>. Acesso em 14 de maio de 2022.

ALTMICKS, Alfons Heinrich. **Território indígena do Massacarã**: urbanidade rural, ruralidade urbana. Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades. Salvador/Recife, v. 45, n. 251, p. 546-566, set./dez., 2020. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2020.n251.p546-566>

ANDRADE, Anderson. **Pinturas Kaimbé e seus significados**. *YouTube* [S.L: s.n], 2021. 1 vídeo (4:44 min.). Publicado pelo canal Anderson Andrade. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LT-akkZHXzU>>. Acesso em 10 maio 2022

ANDRADE, Dayane Félix. **Reconhecimento e valorização da taipa de mão sergipana** : o caso da Ilha Mem de Sá. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laranjeiras, 2020. Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14284/2/Dayane_Felix_Andrade.pdf>. Acesso: 9 Abril, 2022.

ANDREOLI, Elisabetta. We have money and can build in a way that represents us'. **The Architectural Review**. July 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/today/we-have-money-and-can-build-in-a-way-that-represents-us>>. Acesso em 14 maio 2022

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 10 maio 2022.

BRASIL. **Decreto nº7.341**, de 22 de outubro de 2010 [...]. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/D7341.htm>. Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Município + cidadão**. (Cartilha). 1ª Ed. Brasília: DF, 2019.

LEARDI, Lindsey. Documentário sobre Freddy Mamani explora a conexão entre arquitetura e identidade cultural. 08 Out 2017. **ArchDaily Brasil**. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/880951/documentario-sobre-freddy-mamani-explora-a-conexao-entre-arquitetura-e-identidade-cultural>> ISSN 0719-8906. Acesso em 17 Mai 2022.

LEITÃO, Alice Saute. **Políticas Culturais para as Cidades**: da Espetacularização à Participação. Anais do IX Seminário Internacional de Políticas Culturais. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2018.

LONDRINA, Prefeitura Municipal de. **Centro de Referência, Memória e Cultura Indígena - Kaingang**. Unidade de Proteção Social Básica. 2021. Disponível em <<https://portal.londrina.pr.gov.br/unidades-de-protecao-social-basica/atendimento-aos-kaingangs>>. Acesso em 12 maio 2022.

LUMI, Alice S.; RESENDE, Lucas de Lima W.. **Pífano**. Laboratório de Estudos Etnomusicológicos - LABEET. Universidade Federal da Paraíba - UFPB . 2021. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/paginas/acervo-brazinst/copy_of_aerofones/copy_of_adjulo-na-s-m>. Acesso em 10 maio 2022

NASCIMENTO, José Benício Silva. **Grafismo Indígena**: pinturas corporais como prática no ensino de Geografia na Escola Indígena Itá-Ara, Pacatuba-CE. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2019. Disponível em <https://Repositorio.Ufc.Br/Bitstream/Riufc/53350/1/2019_tcc_jbsnascimento.Pdf> Acesso 9 Maio 2022.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural**: a Cultura à promoção da Arquitetura. Revista Especialize On-line IPOG, Goiânia, v. 01/2013, n. 005, ed. ISSN 2179-5568, 2013. Disponível:

<<https://docplayer.com.br/11115918-Centro-cultural-a-cultura-a-promocao-da-arquitetura.html>>.
Acesso 14 Maio 2022.

RAMOS, Luciene Borges. **O centro cultural como equipamento disseminador de informação:** um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

REIS, Diego Geovan Dos. **A importância da restauração e da interpretação patrimonial para a valorização de edifícios históricos:** a Casa Sede da Fazenda Florestal e a Casa da Cultura de Irati-PR. Monografia (Bacharel em Turismo). 74 p. Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro. IRATI, 2016.

RTV Caatinga Univasf. Memória Sertão Toré Kaimbé. **YouTube** [S.L: s.n], 2018, 1 vídeo (3:42 min.). Publicado pelo canal RTV Caatinga Univasf. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=x6zQsfZL2pk>>. Acesso em 10 maio 2022.

SILVA, Jessyca Alencar e. **Estação cultural comunitária do Guarapes:** anteprojeto de um centro de cultura com enfoque na comunidade do bairro Guarapes, em Natal, Rio Grande do Norte / Jessyca Alencar e Silva. - 2021. 96f.: il.

SOUZA, Jorge Bruno Sales. Fazendo a diferença: um estudo da etnicidade entre os Kaimbé de Massacará. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Bahia. Salvador, Outubro/96.

ZEFERINO, J. C.. **Influência da cultura na formação da consciência do cidadão.** Revista Sol Nascente, 8(2), 50–57. Disponível em <<https://revista.ispsn.org/index.php/rsn/article/view/43>>. Acesso em 10 maio 2022

APÊNDICE

PERGUNTAS					
RESPOSTAS	Que tipo de espaço você imagina para o terreno indicado?	Quais atividades da comunidade você sente que necessita de um espaço específico?	O que você espera de um Centro Comunitário?	Que tipo de espaço deveria existir em Massacará para uso comunitário?	Quais equipamentos públicos sente que o povoado necessita?
Resposta 1	Uma oca com uns bancos	Uma pracinha indígena para os amigos conversar debater etc..	Na minha opinião só para ter um lugar para deixar a nossa comunidade bonita onde todos podiam debater interesses da comunidade	Uma pracinha	Um praça cheia de brinquedos para as crianças.
Resposta 2	Pelo espaço reduzido construção de uma praça ou playground	Tendo em vista atender crianças e adultos, um espaço com bancos, balanço, escorrega entre outros, que atinjam ambas funcionalidades.	Meios de culturalidade e expressão artística deveriam ser praticadas dentro do mesmo, porém, mesmo com o espaço, nos falta projetos e apoio para firmar oficinas que atendam tais eventos.	Temos uma melhora notável quanto espaços públicos em Massacará, porém, como citado antes, nos falta um espaço de aproveitamento mútuo e inclusivo, no qual atinja desde crianças com brinquedos adequados, à jovens com bancos e aparelhos de treinamento físico.	Uma praça para crianças se divertir e espaço de exercícios físicos
Resposta 3	Uma oca fechada com acesso a visitante e artesanatos expostos pra venda e pra demonstração	Um espaço para encontro dos jovens com locais de sentar, arejado, e com espaço para atividades como oficinas e cursos	Apresentar a nossa história, nossas especificidades, nosso artesanatos, nossa medicina tradicional e as lideranças que tanto lutaram por nosso território e pelo seu desenvolvimento.	Um espaço coletivo e amplo para todos terem acesso e ali fazer reuniões e eventos públicos	-
Resposta 4	Praça	Toré	Artesanato	Praça	Praça
Resposta 5	Praça	Uma casa da cultura que fale um pouco da nossa história	Tore, oficinas de cânticos, pintura e artesanatos entre outras...	Casa da cultura	Casa de Cultura
Resposta 6	Local recreativo, para exposição de material da Cultura local em forma de acervo para a visitaçao	Atividades para crianças e jovens	Oficinas voltadas para a cultura indígena local como, pintura corporal, oficina de zabumba, palestras etc.	Local para eventos de todas as naturezas, voltado na área da saúde, educação, festas tradicionais etc.	Casa de Cultura

	(artesanatos, livros etc.).				
Resposta 7	Museu tipo fotos antigas tipo memorial algo relacionado relato antigo	Projeto relacionado ao artesanato oficinas	Oficinas de pinturas, exploração de plantas medicinais aproveitamentos agricultura local	Uma associação onde pode abranjer a questão da alimentação tipo uma horta	Praça
Resposta 8	Uma praça Pública	O Toré	Um espaço para artesanato indígena	Um espaço para cães e gatos, servindo de castrações, vacinações.	Praça
Resposta 9	Uma área de lazer, voltado para jovens e crianças	Oficinas de pinturas corporais, toantes do toré e artesanatos	Além de aulas de cantos, danças e instrumentos musicais	Uma praça	Casa de cultura
Resposta 10	Praça Publica	Espaço para o toré.	Espaço para Artesanato Indígena.	Praça com Brinquedos para criança e atividades física.	Praça
Resposta 11	Um bom espaço para a feira de cultura	A feira de cultura	Atividades para ensinar aos jovens coisas da comunidade tipo artesanato etc.	Um espaço para a feira de cultura que sirva para fazer atividades da comunidade indígena	Casa de cultura
Resposta 12	Um pequeno museu	-	Reuniões frequentes discutindo e buscando projetos para comunidade.	Uma academia ao ar livre	Praça
Resposta 13	Uma sala de exposição de memórias.	Transferir conhecimentos, costumes, como as rezas, as cantigas, trancar os utensílios de	Momento de contação da história local por parte de pessoas mais velhas.	Uma sala de memória	Praça

		palha, a casa de taipa e etc	Registrar dos acontecimentos e participação de pessoas da comunidade que tiveram participação na conquista dos da terra, fazer memória da retomada, se fazer conhecedor desse fato importante para comunidade.		
Resposta 14	Espaço comunitário para reuniões	Atividades culturais	Dança, músicas, vendas e exposição de artesanato	Espaço de reuniões e exposição	Auditório
Resposta 15	Um centro histórico do povo Kaimbé	-	Reuniões comunitárias, oficinas, formações e etc.	Um auditório	Auditório
Resposta 16	Centro ou espaço de cultura com diversas finalidades voltadas a comunidade indígena e religiosa.	Exposição de arte de muitos artistas e artesões que há na comunidade. Uma rádio comunitária e cursos voltados a importância da cultura para seu povo focando a juventude sem perder as raízes nos moradores mais antigos. Além e intercâmbios de outras aldeias ou comunidades quilombolas visando troca de ideias e maior divulgação da etnia Kaimbe.	Exposição e concursos de obras e pinturas corporais visando valorizar cada vez mais a arte na etnia. Comemorações em dias importantes. Reuniões comunitárias	Um ponto local referência na comunidade um centro de cultura com um amplo espaço e bem localizado com o uso misto de comunidade escola religiões e outros grupos da comunidade.	Casa de cultura
Resposta 17	Banheiro com casa para	Creche	Leitura. Aulas, instrumento	Parque infantil. A criança não	Parque

	aulas infantis tipo escola dominical			tem onde brincar	
Resposta 18	Uma obra tipo de vender algo porque na rua velha não vende nada	Quando tem feira de cultura deveria ter um lugar certo para o povo ir comer lá, porque vão comer na escola	Reuniões é mais aprendizado para os jovens que ainda não entende muito da cultura	Uma piscina	Praça
Resposta 19	Duas vertentes: Uma oca grande porém fechada e ventilada e / ou uma local para as crianças brincarem mas com segurança pois ali é descaído				
Resposta 20	Uma casa com várias coisas falando de nossa cultura do nosso povoado para q os visitantes possam conhecer um pouco da nossa história				
Resposta 21	De uma forma geral que seja voltado para a realidade cultural do indígena nos dias de hoje, além de valorizando o clima da nossa região nordestina!				
Resposta 22	Uma praça onde s crianças				

	possam frequentar passear se divertir				
Resposta 23	Uma pequena praça com ocas e bancos de madeira				
Resposta 24	Local coberto, com bancos, Brinquedo para a Criança.				
Resposta 25	Imagino um lindo espaço da feira de cultura para receber visitantes				
Resposta 26	Amplo, moderno e que seja um espaço de conhecimento.				
Resposta 27	Espaço de uso coletivo para atender as demandas da comunidade				
Resposta 28	Um espaço com fotos antigas, dos movimentos, da juventude, materiais contando a história do povo Kaimbé, artesanatos etc.				

Resposta 28	Casa para aulas infantis e adolescentes				
--------------------	---	--	--	--	--

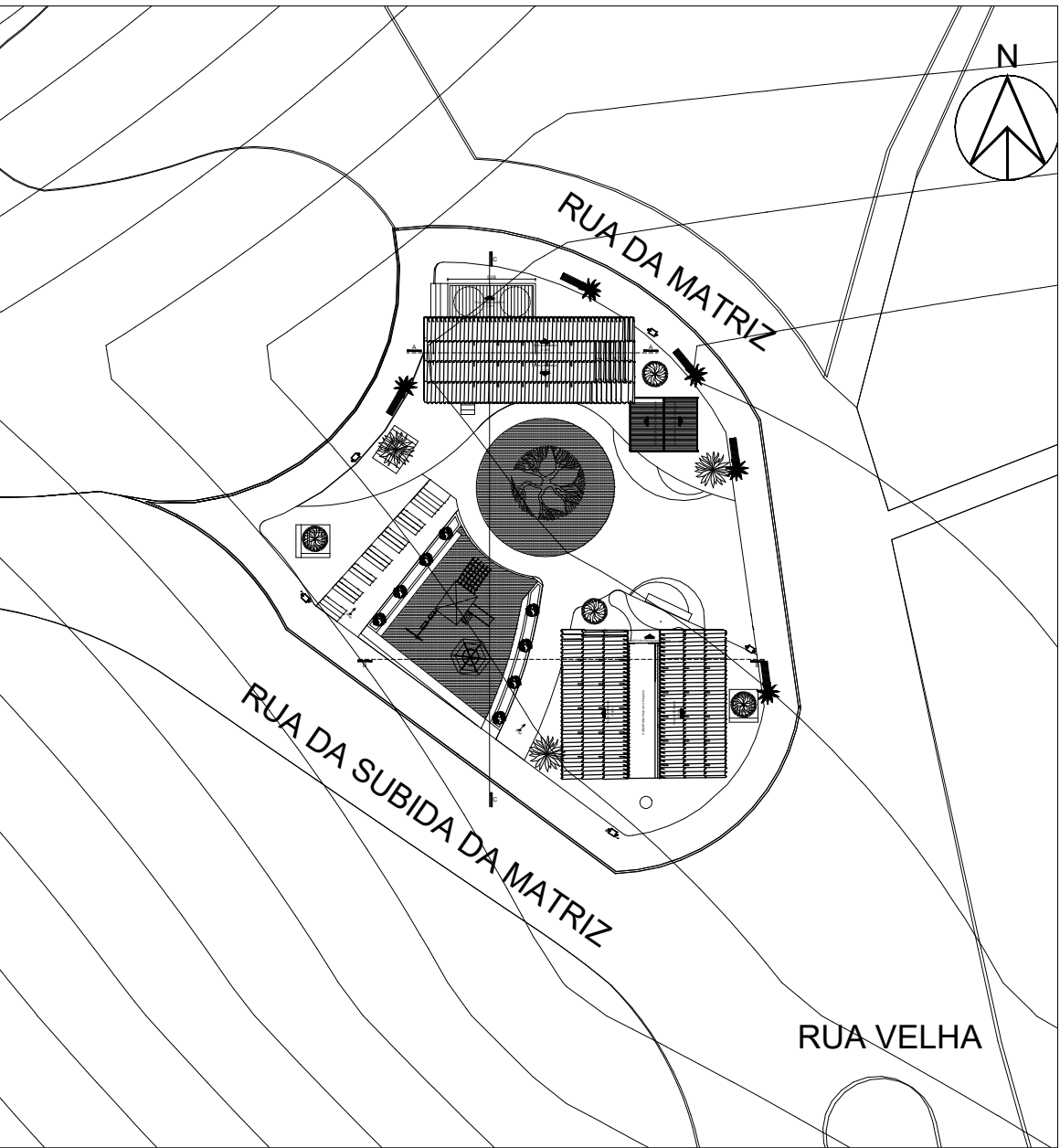
As perguntas eram abertas e não eram obrigatórias, o que justifica os campos vazios.



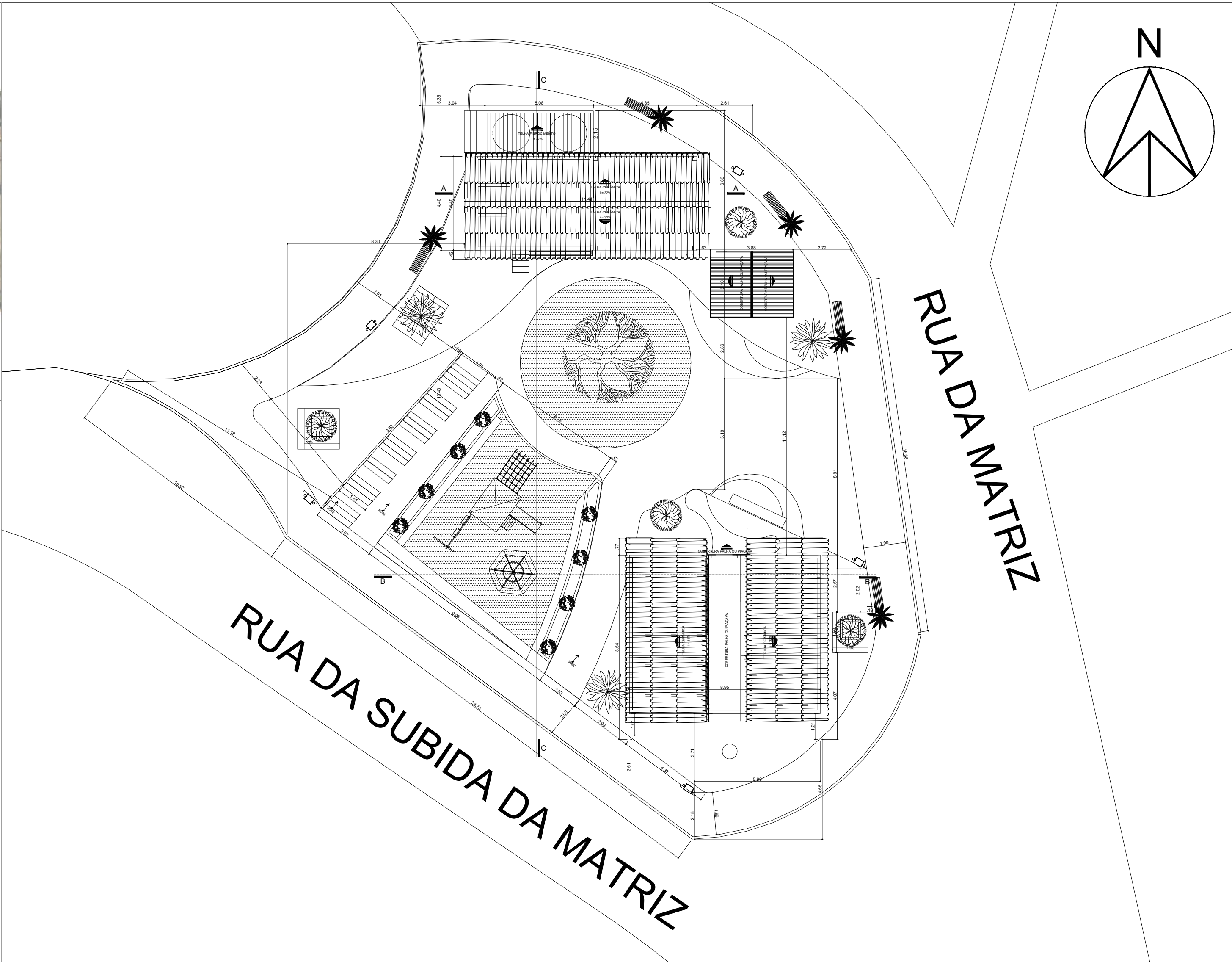
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS LARANJEIRAS DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	ORIENTADOR: AGRIPINO COSTA NETO	DISCENTE: LARISSA REIS GOIS
	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	ENDEREÇO: MASSACARÁ-BA
	ESCALA: INDICADA	DATA: 14/11/2022
	CONTEÚDO DA PRANCHA: LOCALIZAÇÃO	01/05



LOCALIZAÇÃO
SEM ESCALA



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1:300



PLANTA DE COBERTURA
ESCALA 1:150

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS LARANJEIRAS DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	ORIENTADOR: AGRIPINO COSTA NETO	DISCENTE: LARISSA REIS GOIS
	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	ENDEREÇO: MASSACARÁ-BA
	ESCALA: INDICADA	DATA: 14/11/2022
	CONTEÚDO DA PRINCHA: INDICADO	02/05

ESTUDO SOLAR

INVERNO - 8H



VERÃO - 8H



PLANTA BAIXA
ESCALA 1:100

ÁREAS	M2
CONSTRUÇÃO:	
TERRENO	813,75
TOTAL	479,00

1 - Sanitário 1
ÁREA = 1,25m²

2 - Sanitário 2
ÁREA = 1,70m²

3 - Depósito
ÁREA = 1,49m²

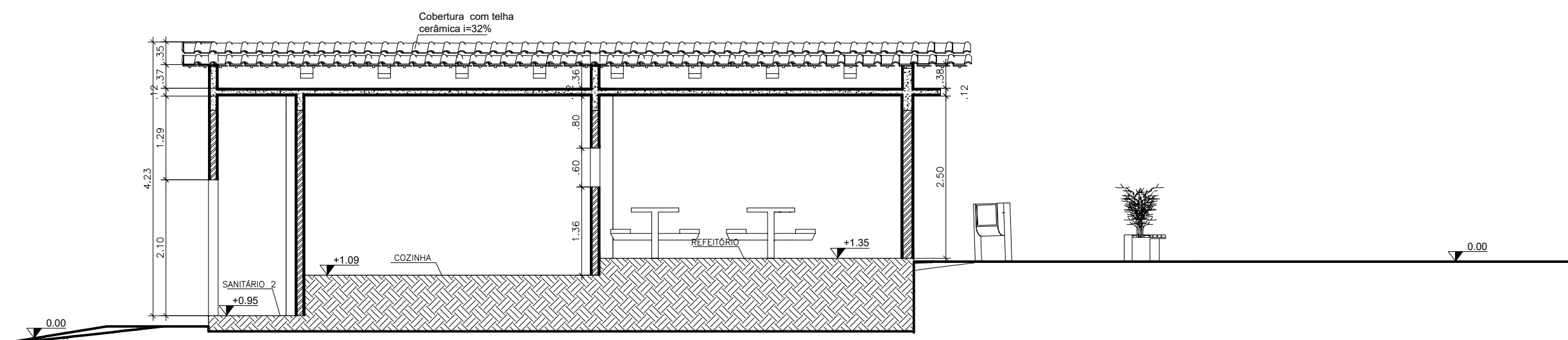
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



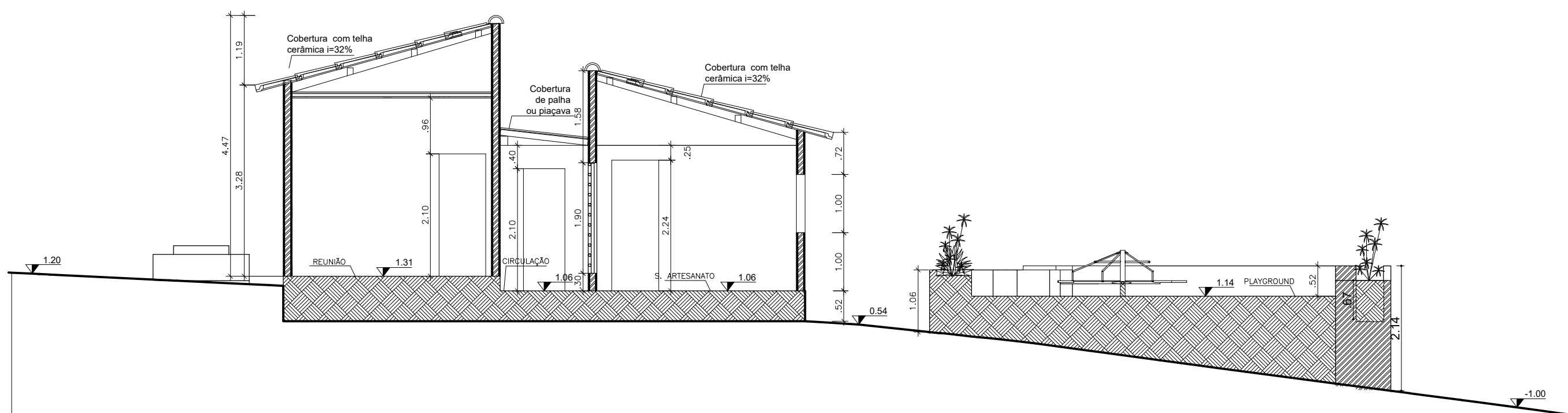
ORIENTADOR:
AGRIPINO COSTA NETO
DISCIPLINA:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
ESCALA:
INDICADA
CONTEÚDO DA PRANCHA:
PLANTA BAIXA

DISCENTE:
LARISSA REIS GOIS
ENDEREÇO:
MASSACARÁ-BA

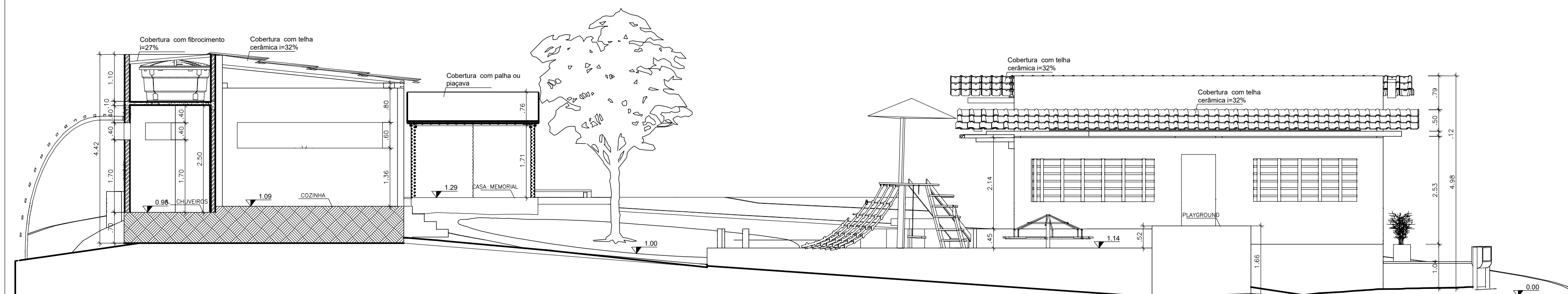
DATA:
14/11/2022



CORTE AA
ESCALA 1:75

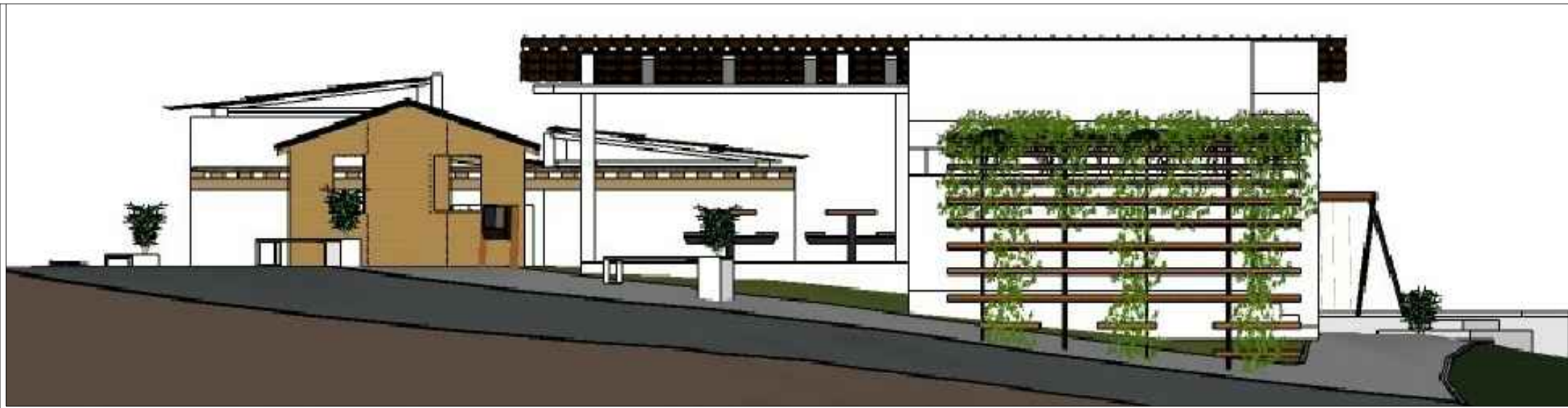


CORTE BB
ESCALA 1:75



CORTE CC
ESCALA 1:75

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS LARANJEIRAS DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO		
	ORIENTADOR: AGRIPINO COSTA NETO	DISCENTE: LARISSA REIS GOIS
	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	ENDEREÇO: MASSACARÁ-BA
	ESCALA: INDICADA	DATA: 14/11/2022
	CONTEÚDO DA PRANCHA: CORTES	04/05



ELEVAÇÃO NORTE
SEM ESCALA



ELEVAÇÃO SUL
SEM ESCALA



ELEVAÇÃO LESTE
SEM ESCALA



ELEVAÇÃO OESTE
SEM ESCALA

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CAMPUS LARANJEIRAS DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
	ORIENTADOR: AGRIPINO COSTA NETO	DISCENTE: LARISSA REIS GOIS
	DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	ENDEREÇO: MASSACARÁ-BA
	ESCALA: SEM ESCALA	DATA: 14/11/2022
	CONTEÚDO DA PRANCHA: ELEVAÇÕES	04/05